

Maçonaria Mística

***José Carlos de Araújo
Almeida Filho***

Dedicatória e Introdução

José Carlos de Araújo Almeida Filho

Jamais deixo de dedicar minhas obras a minha família, à memória de meu pai e a meus filhos, Lucas e KK.

Aos Maçons, dedico com especial carinho aos Irmãos José Castellani, Wagner V. Costa, David Caparelli, Fernando de Faria e Nei Inocêncio dos Santos.

Aos Maçons europeus, Júlio Prata e Luiz Nandin de Carvalho.

Com especial carinho, dedico esta obra à Instituição que me acolheu, a FRANCO MAÇONARIA, em especial ao Grande Oriente do Brasil e a A.: R.: L.: S.: Frat.: e Prog.:, 3155

Muitas questões, durante os séculos, vêm perturbando àqueles que desejam conhecer um pouco mais sobre Maçonaria, sem, no entanto, encontrarem fontes confiáveis de pesquisa.

Alguns temas, como o aspecto filosófico, a religiosidade, a participação da Maçonaria em determinados movimentos etc., causam problemas de hermenêutica e, mais, acabam confundido a Maçonaria com uma religião, seita, ou, mais recentemente, como vimos, uma filosofia de vida. Não raras as vezes, como magia.

Ao abordarmos os aspectos filosóficos da Maçonaria, estaremos enfrentando questões polêmicas, que dividem os leigos. No entanto, a questão é tão simples quanto afirmarmos que $2 + 2 = 4$.

Maçonaria Mística é uma obra que visa abordar várias questões da Sublime Ordem, por certo que temos como misticismo, ocultismo e esoterismo se confundem.



Por misticismo, segundo definição da Enciclopédia Digital Koogan-Houssais, é a “ doutrina filosófica e religiosa, segundo a qual a perfeição consiste numa espécie de contemplação, que vai até o êxtase e une o homem à divindade. / Intensa devoção religiosa.”

Sob este prisma, a Maçonaria jamais se poderá conceber mística. O primeiro tema que enfrentamos é acerca da religiosidade. A Maçonaria não é uma religião e isto é certo. Avançando na religiosidade, analisaremos a Maçonaria e a magia. Vislumbrando estes conceitos acerca da Maçonaria, concluímos que a Maçonaria, embora religiosa, não possui o caráter de contemplação, nem tampouco devoção religiosa.¹

Por esoterismo temos, no entanto, o conhecimento conferido aos iniciados em determinadas Instituições.

Esta obra é dedicada - e os direitos autorais são todos doados - à Loja Os Templários, 2722, ao Oriente de São Paulo e federada ao Grande Oriente do Brasil.

Iniciaremos o trabalho...

¹ Máscara mística da cultura de Zimbabwe, na África



Dados do Autor

José Carlos de Araújo Almeida Filho

José Carlos de Araújo Almeida Filho nasceu na cidade do Rio de Janeiro, aos 06 de dezembro de 1967, mudando-se, ao depois, para a cidade de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, onde vive até os dias de hoje.

É casado com Estela Cristina Nogueira Domingues de Araújo Almeida, tendo desta união nascido dois lindos meninos – Lucas e José Carlos Neto.

Durante os anos 80 trabalhou na imprensa, na cidade de Petrópolis, ingressando na Universidade Católica de Petrópolis, para cursar a Faculdade de Direito, em 1990. Durante toda a sua vida acadêmica participou dos movimentos estudantis, tendo sido, já em 1986, Secretário **ad-hoc** do Diretório Acadêmico Ruy Barbosa.

Em 1987 era eleito Secretário de Imprensa do Diretório Central dos Estudantes da mesma Universidade.

De 1998 à conclusão do curso de Direito, foi Presidente do Diretório Acadêmico Ruy Barbosa, tendo sido o primeiro a instituir as eleições diretas na entidade, posto que, antes, as mesmas eram realizadas pela própria Universidade.

No ano de 1991, seis meses após sua formatura, foi convidado pela mesma Universidade para lecionar, estando hoje licenciado.

Atualmente é advogado militante na área do Direito Empresarial.

Em 1996 é Iniciado na Augusta Respeitável Benemerita e Grande Benfeitora Loja Simbólica Amor e Caridade, 0896, do Grande Oriente do Brasil, no Rito Escocês Antigo e Aceito, estando, hoje, filiado às seguintes Lojas:

Loja de Pesquisas Maçônicas Quatuor Coronati do Brasil, 2671 - R.: E.: A.: A.: - São Paulo - SP

Loja de Pesquisas Maçônicas Quatuor Coronati de Londres, 2076 (correspondente)

Loja Maçônica Fraternidade e Progresso, 3155 (Título de Fundador Honorário) - Rito Brasileiro – Petrópolis - RJ

Loja Maçônica Duque de Caxias, 441 - Rito Brasileiro – Rio de Janeiro - RJ

Loja Maçônica James Anderson, 2237 - Rito de York – Rio de Janeiro – RJ

Fundador da Loja de Pesquisas Maçônicas Cândido Ferreira de Almeida – Rito Brasileiro – Petrópolis - RJ

É, ainda, membro do **Clube Filatélico Maçônico do Brasil**, agraciado com três Diplomas por trabalhos realizados.

Fundador e Conselheiro do Capítulo Imperial Petrópolis, 470 – Ordem De Molay para o Brasil

Fundador da Associação Phoenix Internacional Anti-Drogas, em São Paulo, sendo seu idealizador o Mestre Maçom José Castellani.

Autor dos livros:

A Maçonaria ao Alcance de Todos, Gráfica do Grande Oriente do Brasil, Brasília - DF: 1999

Diálogo de Maçons, em co-autoria com o Ir.: Frederico Guilherme Costa, CopyMarket, Brasília - DF: 2000 (<http://www.copymarket.com>)

Responsabilidade Civil do Juiz, Editora Madras, São Paulo - SP: 2000

Em elaboração:

A Recente História da Maçonaria Portuguesa, com edição em Portugal, pela Hugin Editores

Teoria e Prática dos Recursos Cíveis – Ed. Madras

A Responsabilidade Civil do Advogado – Ed. Madras

Coletâneas

Anuário da Loja de Pesquisas Maçônicas Quatuor Coronati do Brasil – 2000 – Ed. Maçônica A Trolha Ltda.

Atividades diversas:

- **Cinófilo** – Criador de cães da raça Grande Cão Japonês (derivação do Akita-Inu) – <http://www.capta.net/bengoshi>
- **Sócio Proprietário** da empresa virtual – AFEC COMÉRCIO LTDA – Medieval – <http://www.medievalvirtual.com.br>

Entidades de que faz parte:

- **Kennel Club de Petrópolis**
- **FCI – Federação Internacional de Cinofilia – Brasil e Bélgica**
- **The Akita Association**
- **ACIRP – Associação Comercial, Industrial e Rural de Petrópolis**
- **Ordem dos Advogados do Brasil**

Cargos Ocupados na Maçonaria

- 2º Vigilante da A.: R.: L.: S.: Duque de Caxias, 441 – 1999
- M.: de CCer.: da A.: R.: L.: S.: Fraternidade e Progresso, 3155 – administração interina
- Chanceler da A.: R.: L.: S.: Duque de Caxias, 441 – 2000/2001
- 2º Vigilante da A.: R.: L.: S.: Fraternidade e Progresso, 3155 – 2000/2001
- Preceptor do Núcleo Alfa Fraternidade e Progresso – APJ – eleito em Loja e processo de formação do núcleo em andamento
- Ven.: M.: Int.: da Loja de Pesquisas Maçônicas Cândido Ferreira de Almeida

Palestras Maçônicas

- A Maçonaria ao Alcance de Todos - A.: R.: L.: S.: Fraternidade e Progresso, 3155
- Duque de Caxias – o Maçom - A.: R.: L.: S.: Fraternidade e Civismo, 1697, em conjunto com a A.: R.: L.: S.: Duque de Caxias, 441 - Or.: do Rio de Janeiro



Sumário

José Carlos de Araújo Almeida Filho

Dedicatória e Introdução.....	01
Dados do Autor.....	02
Sumário.....	04
A Religiosidade na Maçonaria.....	05
O Uso do Antigo Testamento dos Trabalhos Maçônicos.....	10
A Influência do Positivismo na Sociedade Brasileira.....	16
Maçonaria e Magia.....	23
O Paganismo e sua Influência Direta nos Cultos Religioso.....	30

A Religiosidade na Maçonaria

José Carlos de Araújo Almeida Filho

DAVID CAPARELLI

A Religiosidade na Maçonaria¹

Em primeiro lugar, notadamente para haver uma clara distinção entre religião e religiosidade, é preciso que delineemos os conceitos dos dois termos, para alcançarmos o fim a que se propõe este trabalho.

E o fim a que se destina este trabalho tem sua justificativa no fato de que muitos não entendem que Maçonaria não é religião, apesar de ser religiosa.



Muitas pessoas confundem o fato de uma pessoa não possuir determinada religião com o fato de ela ser atéia – o que não é uma realidade. Dentro desta linha de raciocínio, temos os aconfessionais, ou seja, aqueles que crêem em um Ente Superior, mas que não praticam qualquer tipo de religião, dentre as que estamos acostumados – catolicismo, messianismo, espiritismo etc.

Para crer em Deus – no G.: A.: D.: U.: - não é preciso professar uma crença estabelecida, mas possuir um elo com o Criador.

John R. Hinnels, em sua obra "Dicionário da Religiões", Ed. Cultrix, com grande propriedade, ao conceituar **religião**, afirma que “ *as definições dos dicionários são freqüentemente perifrásticas, preconceituosas ou tão genéricas que se tornam inúteis.*”

Neste diapasão, encontramos, não raras as vezes, definições em que a Maçonaria aparece como religião e, pior ainda, como uma religião satânica.

Na obra citada, o autor excerta texto de J. M. Yinger, onde o conceito de religião aparece desta forma: “**sistema de crenças e práticas por meio das quais um grupo de pessoas luta com os problemas básicos da vida humana.**”

Parece-nos, também, conceito vago e pouco apropriado, posto que **religião** deriva de **religar** e, desta forma, teríamos na religião uma série de ritos e uma liturgia própria, que fizesse o ser Humano voltar à essência natural, a Divindade.

A materialização do termo provoca dúvidas e nos leva a conceitos deturpados do que realmente venha a ser religião. Analisando do ponto de vista próprio do termo, no que se refere a **religar**, não haveria necessidade de várias religiões, dissidências, ou mesmo conflito entre elas. Bastaria a crença em Deus para uma perfeita convivência entre os homens.

Religiosidade, por sua vez, diz respeito à crença e está muito mais ligada à pessoas do que a grupos que professam uma crença específica de uma religião. Esta assertiva, ainda que em outras palavras, podemos encontrar no Dicionário citado linhas acima. Uma pessoa pode ser religiosa sem que, com isso, participe de qualquer das religiões conhecidas. Havendo a crença em um Ente Superior, há religiosidade, apesar de não estar a pessoa ligada a qualquer religião.

¹ Publicado no Anuário da Loja de Pesquisas Maçônicas Quatuor Coronati do Brasil, 2671

E quem melhor nos define o conceito de religião, dentro do que dito até o momento, é o Pe. Jesuíta Valerio Alberton, em sua obra **O Conceito de Deus na Maçonaria**, quando indaga?

“ MAS, QUE É RELIGIÃO? ”

ESSENCIALMENTE O RELACIONAMENTO DO HOMEM COM SEU DEUS, O G.: A.: D.: U.:. RELACIONAMENTO ACENTUADO PELA DIVISA Deus Meumque Ius, DE TODOS OS SUPREMOS CONSELHOS DO MUNDO, DO R.: E.: A.: A.:.

EMBORA O CONCEITO DE RELIGIÃO SEJA AINDA HOJE MUITO DEBATIDO, O VOCÁBULO RELIGIÃO DERIVA DO LATIM *RELIGIO*, CONFORME CÍCERO (ANOS 106 - 143 ANTES DE CRISTO) *RELEGERE*, CONSIDERAR CUIDADOSAMENTE – É O QUE FAZ O HOMEM QUANDO PRESCRUTA A NATUREZA E PENETRA NO CRIADOR DESTA NATUREZA, OU DE *RELIGARE*, LIGAR, PRENDER, CONFORME LACTÂNCIO (MAIS OU MENOS 330 DEPOIS DE CRISTO): A RELIGIÃO LIGA, DE FATO, OS HOMENS A DEUS PELA PIEDADE. SÃO CONSIDERAÇÕES COMPLEMENTARES: CONSIDERAR ATENTAMENTE PARA SE LIGAR MAIS ESTREITAMENTE. NA VERDADE, UMA ATITUDE PARA COM DEUS TRADUZ-SE, NORMALMENTE, EM ATOS. ”

René Descartes, em seu **Discurso do Método**, afirma a crença em Deus, asseverando: “ Ora, depois que o conhecimento de Deus e da alma deu-nos assim a certeza Dessa regra, é bem fácil saber que os sonhos que imaginamos durante o sono não devem de modo algum fazer-nos duvidar da verdade dos pensamentos que temos quando acordados. Pois se acontecesse que, mesmo dormindo, ocorresse uma idéia muito distinta, como, por exemplo, que um geômetra inventasse alguma nova demonstração, seu sono não impediria de ser verdadeira. ”

Sem dúvida alguma, o Iluminismo nos trouxe esta concepção de religiosidade, posto que mais se deu importância à razão:

ILUMINISMO ou IDADE DA RAZÃO, período na história em que os filósofos deram ênfase ao uso da razão como o melhor método de se chegar à verdade. O período iluminista começou no séc. XVII durando até o final do séc. XVIII. O Iluminismo também é chamado de *Século das Luzes*. Entre seus líderes, figuram vários filósofos franceses, o marquês de Condorcet, René Descartes, Denis Diderot, Jean Jacques Rousseau e Voltaire, e o filósofo inglês John Locke.

Os líderes do Iluminismo baseavam-se muito no método científico, com sua ênfase na experiência e na observação cuidadosa. Nesse período, houve descobertas de grande importância nos campos da anatomia, astronomia, química, matemática e física. Os iluministas organizaram o conhecimento em enciclopédias e fundaram sociedades científicas. Acreditavam que o método científico podia ser aplicado ao estudo da natureza humana. Estudaram pontos controversos na educação, no direito, na filosofia e na política, e atacaram a tirania, a injustiça social, a superstição e a ignorância. Muitas de suas idéias contribuíram diretamente para a deflagração das revoluções norte-americana e francesa no final do séc. XVIII.

Para os iluministas, o progresso nos assuntos humanos parecia assegurado. Acreditavam ser apenas uma questão de tempo até os homens aprenderem a deixar a razão, e não a ignorância, a emoção ou a superstição, guiá-los. Quando os homens conseguissem isso, viveriam felizes. Condorcet expressou esse otimismo em seu *Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano* (1793-1794).

©1999 Enciclopédia Koogan-Houaiss Digital

Descartes, em seu Discurso, nada mais fez do que adaptar o conceito de Deus à uma razão por si criada.

Este adendo se fez necessário, posto que desejamos mostrar nestas linhas que a Maçonaria é religiosa, sem que, com isto, seja uma religião.

Da obra **O Manuscrito Régio e o Livro das Constituições**, de Ambrósio Peters, Ed. A Trolha, ao analisarmos as obrigações de um Pedreiro Livre, vimos que:

“ I. Sobre Deus e Religião ”

Um Maçom é obrigado, por dever de ofício, a obedecer a Lei Moral; e se ele compreende corretamente a Arte, nunca será um estúpido Ateu nem um libertino irreligioso. ”

A partir do momento em que o Maçom deve crer em um Ente Criador, sem dúvida alguma é ele um religioso, posto que encontra-se em estado perpétuo de “religação” com Deus - G.: A.: D.: U.:.

Mais um adendo faz-se necessário neste ponto, posto que é muito comum, diante destes conceitos, Ir.: errarem ao manifestar-se acerca de Deus. Em Sessão Magna Branca, o Ir.: Orador de uma Loja, a qual, por razões óbvias, não mencionaremos, ao ler uma peça de arquitetura durante a sessão, afirmou:

- O G.: A.: D.: U.:, QUE É DEUS...

Sem dúvida alguma errou o Ir.: Orador, nosso guardião da Lei. O G.:A.: D.: U.: não é Deus, mas esta Entidade Criadora. Afirmamos não ser Deus porque a Maçonaria não é uma religião e, aqui começa a polêmica ... E, a respeito do tema, ao delinear sobre os **Landmarks** da Ordem, Theobaldo Varolli Filho elenca as Regras Gerais de Anderson, onde, no primeiro artigo se lê que há “ **a crença em Deus, ou seja, a convicção da existência de uma Causa Primária, de um Princípio Criador, denominado o Grande Arquiteto do Universo.** ”

Quanto à existência e crença nesta **Causa Primária**, há, ainda, discussões acerca de teísmo, deísmo e panteísmo. Por esta razão, abriremos um pequeno adendo para explicar estas conceituações e, ao depois, darmos continuidade ao nosso trabalho. Esta definição foi retirada do último trabalho realizado acerca do Rito Brasileiro:

TEÍSMO – DEÍSMO – PANTEÍSMO

Por teísta, o próprio intróito de nosso ritual já diz ao que se destina: O Rito Brasileiro afirma a crença em um DEUS Criador, que, mantendo o tradicionalismo da Maçonaria, é concebido como o **Supremo Arquiteto do Universo**.

De fato, teísmo e deísmo são termos que se confundem em sua origem, mas que são diversos. Procuramos ajuda no **Dicionário de Religiões**, Ed. Cultrix, de John R. Hinnells, para responder à este questionamento e, assim, apresentar a diferença básica entre os dois termos – estes bem diversos do panteísmo.

“ Teísmo é a crença num único ser Divino (“Deus”, mais do que um DEUS) pessoal, ativamente relacionado com a realidade divinamente criada, que inclui a raça humana, mas distinto dela. ”

“Deísmo – na origem, a palavra indica a crença em um só deus, em oposição a ATEÍSMO e POLITEÍSMO. ”

Sob o aspecto da primeira parte que define teísmo e deísmo, podemos quase que afirmar terem os termos o mesmo significado. No entanto, assim não se pode afirmar.

A partir do século XVIII, deísmo passou a significar a crença em que Deus criou o mundo no princípio, mas que não intervém no curso dos assuntos naturais e humanos.

Os teístas, ao contrário, segundo a afirmação contida no Dicionário mencionado, têm em Deus “o Espírito perfeito, existente por si mesmo, do qual depende o mundo para a sua existência, continuação, significado e propósito.”

Já por **panteísmo**, tem-se a crença de que Deus é tudo e está em tudo. Assim, em uma mesa, por exemplo, teríamos Deus. Os **panteístas** não admitem que a mesa tenha sido construída por inspiração divina, mas que a própria divindade ali se encontra.

Se para alguns o S.: A.: D.: U.:, o Grande Árbitro dos Mundos, é Alá, como podemos afirmar que S.: A.: D.: U.: ou G.: A.: D.: U.: é Deus? Este trabalho, que visa demonstrar a diferença básica entre religião e religiosidade.

Assim, por exemplo, procurando socorro na Enciclopédia Koogan-Houaiss, encontramos a definição de Alá: “**ALÁ**, nome árabe para o Ser Supremo do islã, a religião fundada por Maomé. A palavra é composta por *al* (o) e *ilah* (deus). No Corão, que é para os muçulmanos o que a Bíblia é para os cristãos, Alá se refere ao Ser Supremo. Os muçulmanos devem repetir regularmente a frase: "Não há outro deus além de Alá; e Maomé é o apóstolo de Alá".

O próprio fato de ser um **landmark** a presença do Livro da Lei nos trabalhos Maçônicos, já denota o cunho **religioso** da Maçonaria – diverso de que a Maçonaria seja uma religião. Compulsando Theobaldo Varolli Filho, em sua festejada obra **Curso de Maçonaria Simbólica – Grau de Apr.:**, ao analisarmos o governo triangular de uma Loja, podemos extrair conceitos próprios do Direito Natural, que, em outras palavras, deriva da consciência e inteligência humanas e, por esta razão, segundo os filósofos do Direito, seriam normas emanadas da Divindade e passadas por meio de inspiração.

Varolli nos ensina:

“ O Venerável, cuja jóia é o E.: , símbolo da retidão e das ações pautadas na Justiça², está assentado no Oriente, no Trono de Salomão³. Para assumir esse Trono ele precisa ser Mestre e devidamente preparado numa cerimônia especial denominada Instalação. Essa regra é exigida pelos ritos espiritualistas, quer como reminiscência da unção e consagração dos reis de Israel, quer porque o Venerável é portador da Esp.: Flam.:, destinada a transmitir ao Obreiro a fagulha, a chama iniciática⁴, referida na história das crenças por vários modos. Por exemplo, os sacerdotes persas da casta “ spitama ”, da religião mazdeista, eram os guardas do fogo sagrado ou do foco da luz divina. ”

Por estas razões, tendo em vista o fato de que a Maçonaria pugna pelo aperfeiçoamento moral, onde o espírito deve dominar a matéria, encontramos princípios básicos religiosos retirados da filosofia e do próprio Direito Natural, que é metafísico⁵.



A Maçonaria é uma sociedade devidamente organizada e, como tal, calcada em normas basicamente parecidas com as do Direito Natural. Tanto assim os **landmarks** onde se vislumbra que um Maçom jamais poderá ser um ateu estúpido ou um irreligioso libertino.

No diapasão em que viemos tratando este assunto, a respeito de religião e religiosidade, para alcançarmos a exata compreensão de sua diferença e, com isso, desmistificarmos, mais uma vez, as concepções errôneas acerca da Maçonaria, podemos afirmar, sem qualquer sofisma ou medo de errar, que o Direito é religioso.

Assim podemos abstrair das conceituações de Hegel, na primeira metade do Século XIX, que através da razão, a maioria dos filósofos chegou à conclusão de que há uma Força Criadora – cada um atribuindo à Ela um nome ou uma forma de existência – Deus, força, espírito...

Na Maçonaria, esta figura respeitosa e impessoal – impessoal no que diz respeito a evitar críticas e polêmicas religiosas – é denominada G.: A.: D.: U.:. Como vimos, então, a Maçonaria é religiosa, assim como o próprio direito material que regula nossas relações no mundo em que vivemos.

Ainda que possa haver divergências quanto a estes temas, basta analisar cada Ritual, de cada Rito, para ver a excelência da religiosidade, ao menos enquanto inspiração.

No R.: E.: A.: A.:, por exemplo, mesmo nos Altos Graus, a religiosidade é patente, bastando ler Castellani⁶.

Por um antropomorfismo, afirmamos ser o homem criado à imagem e semelhança de Deus e, ninguém, a não ser Deus, é Onisciente, Onipresente e Onipotente.

Desta forma, percebemos, com clareza, que nossos rituais estão cobertos de religiosidade, o que somente engrandece a Maç.: enquanto Instituição.

² **Nota do autor:** Justiça, na concepção filosófica, é dar a cada um o que lhe é de direito e lembra bem a passagem de Salomão. Tanto assim que um dos símbolos da Justiça é a espada de Salomão, como demonstração de sabedoria.

³ **Nota do autor:** Aqui, apenas, podemos afirmar o que foi dito na nota anterior.

⁴ **Nota do autor:** Esta chama iniciática, sem dúvida alguma, é própria dos esotéricos, ou seja, aqueles que conhecem os mistérios de determinada entidade iniciática.

⁵ Direito Natural – Uma Visão Metafísica e Antropológica – Ed. Forense – Ylves José de Miranda Guimarães

⁶ A Maçonaria e sua Herança Hebraica – José Castellani – Ed. A Trolha Ltda.

Finalizamos este trabalho afirmando que a Maç.: é religiosa e que engloba membros de todas as raças e credos. Por esta razão é ela universalista. Podemos afirmar, ainda, que a Maçonaria é **uma**, sendo um desrespeito e uma vaidade sem fim, ferindo todo o caráter religioso nela inserto, a disputa entre ritos.

Que os Iir.: tenham sempre em mente o Salmo 133, lembrando que estamos na Ordem para Levantar Templos à virtude, cavar masmorras ao vício, submeter nossas vontades, vencer nossas paixões e, nela, fazer novos progressos.

Bibliografia

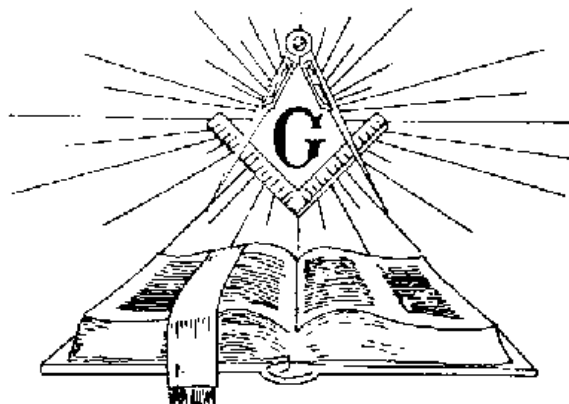
- O R.: E.: A.: A.: - José Castellani – Ed. Trolha
- O Rito Brasileiro de Maçons Antigos, Livres e Aceitos – Mário Name – Ed. Trolha
- A Maçonaria e sua Herança Hebraica – José Castellani – Ed. Trolha
- Curso de Maçonaria Simbólica - Gr.: de Apr.: Maç.: - Theobaldo Varolli Filho – A Gazeta Maç.:
- O Conceito de Deus na Maçonaria – Pe. Alberton – Editora Aurora
- Discurso do Método – René Descartes
- O Manuscrito Régio e o Livro das Constituições – Ambrósio Peters – Ed. Trolha
- A Descristianização da Maçonaria – Xico Trolha – Ed. Trolha
- Direito Natural – Ylves José de Miranda Guimarães – Forense
- Enciclopédia Virtual – Koogan-Houaiss

O Uso do Antigo Testamento na Abertura dos Trabalhos Maçônicos

José Carlos de Araújo Almeida Filho

Este ensaio, cujo título é O Uso do Antigo Testamento na Abertura dos Trabalhos Maçônicos surgiu após um questionamento através da Internet. O Ir.: perguntava o motivo do uso do Antigo Testamento na abertura dos Trabalhos Maçônicos.

De imediato, transmiti a questão ao Ir.: Fernando de Faria, que, com seu conhecimento Maçônico, respondeu à altura ao Ir.:, sendo certo, contudo, que sua resposta, como afirmada pelo Pod.: Ir.:, não estava calcada em fundamento histórico.



Realmente, não é uma pergunta fácil de responder, por total falta de embasamento doutrinário a respeito. No entanto, é necessária a utilização da Hermenêutica, como método investigativo, para responder à questão - e por isso afirmamos tratar-se de uma tese, ao invés de parecer um "achismo" ou "invenção".

Além da hermenêutica, como ciência investigativa, a sociologia e a filosofia devem fazer parte deste trabalho, sob pena de tornar-se inócua e infrutíferas as possíveis conclusões a serem alcançadas.

Como trabalhei durante anos em jornais de pequeno porte - que, no meu entender, é a melhor escola de jornalismo -, o primeiro passo desta pesquisa foi investigar alguns Ir.: mais experientes acerca do tema. Certamente não mencionarei o nome de nenhum deles, porque as conclusões foram as mais estapafúrdias possíveis.

Um Ir.:, no entanto, iluminou-me acerca do trabalho e orientou-me em sua consecução, sendo este o Ven.: Ir.: William de Almeida, da Loja Quatuor Coronati do Brasil.

Em minhas pesquisas orais, constatei que o esoterismo¹ predomina em muitos Maçons, notadamente nos de poucas luzes. A leitura Maçônica, ao que parece, vem sendo valorizada, no Brasil, há pouco tempo - o que gerou certas divergências metodológicas para uma investigação mais profunda de determinados temas.

Como "sociólogo", poderia narrar, apenas, o visto. Traduziria as investigações sem poder emitir qualquer opinião - o que fugiria à uma técnica investigativa séria acerca do tema proposto, que, certamente, polemizará os acadêmicos. E isto é bom.

Pois bem! A afirmação mais absurda que pude ouvir foi a da famosa história que o mundo foi criado por um DEUS MAÇOM² e, desta forma, teria criado Adão e Eva, para que habitassem o mundo, formando uma Loja com seus filhos.

¹ Não o esoterismo em seu significado científico, mas aquele "exoterismo" errôneo e muitas vezes confundido com um hermetismo sem qualquer embasamento filosófico. Os "esotéricos maçônicos" difundem idéias não correspondentes com a verdade ou com qualquer parâmetro plausível de um raciocínio lógico e inteligível.

² Nosso Ir.: José Castellani, em sua obra **A Maçonaria e sua Herança Hebraica**, Ed. A Trolha - Londrina/PR - 1993, trata do tema de forma séria, assim narrando: " A Maçonaria, em sua forma contemporânea, data do início do século XVII e se pode afirmar que a sua precursora, a chamada Maçonaria de Ofício, ou Operativa, formada de Obreiros, é medieval.

Autores existem, todavia, que, mais mistificadores do que místicos, querem fazer crer que já existia Maçonaria no Antigo Egito; no antigo reino dos hebreus, na época do Rei Salomão; na Creta de 2.000 a.C.; na Grécia arcaica; na Pré-História (!); e, até - o que é de pasmar - no Paraíso terrestre, o Jardim do Éden do simbolismo bíblico!!!"

A partir deste entendimento, Jesus teria sido Maçom, assim como seus antepassados e, certamente, o Templo de Salomão seria uma obra nitidamente maçônica.

Tendo em vista o desaparecimento de Jesus dos 13 aos 30 anos, nossos "estudiosos" de plantão afirmam que ele esteve envolvido com sociedades secretas, ou, ao menos, iniciáticas - uma conceituação de Maçonaria hermética e jamais existente.

Houve, porém, quem afirmasse ter Jesus sido iniciado pelos essênios - o que já não seria tanto absurdo, posto ter Ele vivido na mesma época que dita Fraternidade hebraica.

Enquanto "filósofo", que, segundo Husserl³ é aquele que deverá "uma vez debruçar-se sobre si mesmo", abandonando a **filosofia geral** que vem sendo confundida com metafísica, tentarei, apenas, filosofar, que, na concepção de Kant⁴, afirmando ele que "não se pode aprender nenhuma filosofia; só se pode aprender a filosofar, isto é, a exercer o talento da razão na aplicação de seus princípios gerais e certas tentativas que se apresentam, mas sempre com a reserva do direito que a razão tem de procurar estes próprios princípios em suas fontes e confirma-los ou rejeita-los."

Por esta razão, este trabalho, uma tese maçônica, é filosófica e sociológica, pretendendo, através do exercício da razão, justificar a abertura do Livro da Lei no Antigo Testamento.

O trabalho limitar-se-á ao simbolismo, posto ser este o de interesse à Ordem Universal, sendo certo que os graus ditos filosóficos variam de rito para rito.

Vamos, portanto, filosofar. Após o ensaio filosófico, tentaremos uma conclusão racional para o uso do Antigo Testamento, abandonando, de pronto, qualquer teoria acerca da herança hebraica na Maçonaria.



A MAÇONARIA

Acerca do início da Maçonaria, muito já se disse, bastando, para nosso trabalho, analisar a nota de nº2, onde nosso Ir.: José Castellani a trata como medieval - e de forma diferente não podemos olvidar.

A Maçonaria Universal é adogmática, apesar de ser religiosa, como já tive oportunidade de escrever em trabalho dirigido à Loja de Pesquisas Quatuor Coronati do Brasil, intitulado A Religiosidade na Maçonaria⁵. No entanto, esta religiosidade não pode, jamais, confundir-se com religião.



Sabemos, todos, que o Novo Testamento é a doutrina Cristã narrada pelos evangelistas, com o fim de divulgar os feitos históricos de Cristo. Desta forma, no Novo Testamento temos, do início ao fim, narrativas completas da vida do Mestre dos Mestres. No entanto, na Maçonaria conciliam-se judeus, mulçumanos, espíritas⁶, e membros

E, como bem ressalva nosso Ir.: José Castellani, até os dias de hoje ainda há Maçons que afirmam tal fato, com a propriedade de verdadeiros historiadores.

³ Meditações Cartesianas - Meditação 1, p.2 - Vrin.

⁴ Crítica da Razão Pura - Teoria Transcendental do Método, cap. 3, p. 561, PUF

⁵ Por um antropomorfismo, afirmamos ser o homem criado à imagem e semelhança de Deus e, ninguém, a não ser Deus, é Onisciente, Onipresente e Onipotente.

Desta forma, percebemos, com clareza, que nossos rituais estão cobertos de religiosidade, o que somente engrandece a Maç.: enquanto Instituição.

Finalizamos este trabalho afirmando que a Maç.: é religiosa e que engloba membros de todas as raças e credos. Por esta razão é ela universalista. Podemos afirmar, ainda, que a Maçonaria é **uma**, sendo um desrespeito e uma vaidade sem fim, ferindo todo o caráter religioso nela inserto, a disputa entre ritos. (parte do trabalho apresentado).

⁶ Apenas mencionado o espiritismo como mais uma forma de religião, posto que a doutrina de Kardec é Cristã e Evangélica

de outras religiões e formas de pensamento em que Jesus Cristo não passou de uma figura histórica, mas que não o admitem como o Messias.

A narrativa contida no Novo Testamento é absolutamente Cristã e, desta forma, está ligada aos católicos, aos protestantes e às novas igrejas ditas pentecostais. Apenas as religiões cristãs aceitariam o uso do Novo Testamento e, desta forma, não teríamos a universalidade pretendida na Maçonaria.

Por sua vez, o Antigo Testamento trata, do início ao fim, de feitos dos povos antigos, dos quais herdamos - ou copiamos - algumas práticas, dentre elas a Iniciação. E, por que não dizer, a própria lenda de Tubalcaim e a da Construção do Templo do Rei Salomão.



Pela narrativa construída no Antigo Testamento, temos a "palavra de Deus revelada", ao invés de revelar-se na construção de uma religião, ainda que os Judeus o utilizem como sendo seu livro revelado.

O certo é que muitos já narraram acerca da abertura do Livro da Lei; procuraram e, com maestria, interpretaram os salmos e outros textos bíblicos. Enfim, conseguiram transformar a poesia dos salmos em realidade acessível aos Ir.:.

No entanto, até a presente data, ainda não encontramos, em qualquer livro, o verdadeiro motivo de utilizarem-se passagens do Antigo Testamento na abertura dos TTrab.: MMAç.: no Simbolismo.

É o que se pretende, agora, com esta tese. Ao menos, provocar outros Ir.: para que cheguemos à uma conclusão doutrinária séria.

Ultrapassada a questão religiosa, mister uma análise dos salmos - trabalho este já desenvolvido com maestria por alguns Ir.: -, com o fim de inseri-los nos GGr.: SSimb.:.

Independente da controvérsia acerca do Evangelho de São João, no R.: E.: A.: A.: - tese esta defendida pelo Ir.: José Castellani -, analisaremos os três salmos narrados nos GGr.: 01, 02 e 03.

Antes, porém, é imperioso traçarmos um conceito dos Três Livros adotados do Antigo Testamento, na abertura dos trabalhos nos GGr.: 01, 02 e 03 e compara-los com a Maçonaria.

Os Salmos, como relatado na Bíblia Sagrada⁷, são cânticos poéticos de louvor a Deus. Segundo consta na Bíblia Sagrada das Edições Paulinas, acredita-se que os mesmos passaram a ser formados desde 1.000 a. C.

Desta forma, como cânticos poéticos, apesar de religiosos, na acepção filosófica da palavra, não tinham nada em comum com uma crença religiosa professada. Assim, não temos nos Salmos uma religião concebida, mas exortações ao G.: A.:D.: U.:.

Lembrando o que delineamos acima, Albert G. Mackey, em sua obra **The History of Freemasonry**⁸, logo no I Capítulo, afirma que para tratarmos da história da Maçonaria devemos nos apegar aos relatos históricos e à tradição.

Apenas pela tradição, contudo, responder-se-ia que o Antigo Testamento é utilizado por uma questão de tradição. E não responderíamos nada!

Por sua vez, já que o próprio Mackey não seria contraditório em sua assertiva, complementa seu raciocínio afirmando que a especulação e a filosofia fazem parte do estudo sistemático da Maçonaria. E é neste ponto em que pretendo adentrar, com o fim de justificar a existência do Antigo Testamento nos Ritos teístas e deístas, à exceção do Rito Adonhiramita e, segundo nosso Ir.: José Castellani, o R.: E.: A.: A.:, que deveriam abrir o Livro da Lei no Evangelho de São João⁹.

⁷ A Bíblia Sagrada - Ed. Paulinas - SP - 1980 (utilizada, também, para análise dos demais Livros)

⁸ The History of Freemasonry - Gramercy Books - New York - USA (sem data)

⁹ Acerca de São João, enfrentaremos problemas com as religiões constituídas. Exemplo clássico desta problemática religiosa podemos encontrar na obra do Ir.: Jorge Buarque Lyra - **A Maçonaria e o Cristianismo**, Ed. Aurora, 5ª Edição - Rio de Janeiro - 1980 -, onde há uma ligeira, para não dizer acirrada mesmo, crítica ao catolicismo e ao culto aos santos. O Ir.: é membro da Igreja Pentecostal do Brasil.

Assim, interessa-nos a universalidade da Maçonaria e, desta forma, no que diz respeito ao aspecto religioso, Mackey - **ob. cit. Pág. 32** - o que se exige é a crença em Deus, muito bem explorada pelo Ir.: José Castellani no livro da **Análise da Constituição de Anderson**¹⁰.

Em análise, o Salmo 133:

Gr.: 01

"Oh! Quão bom e quão suave é viverem os Irmãos em união. É como o óleo precioso derramado sobre a cabeça, que desce sobre a barba, a barba de Aarão e que desce sobre a orla de sua veste. É como o orvalho do Hermon, que desce sobre o monte de Sião porque ali o Senhor derrama a Sua bênção e a vida para sempre."

Salmo 133



Acerca dos salmos, como dissemos, muitos já trataram de interpreta-lo. Mister, neste ensaio, adequá-lo ao Gr.: de Apr.: Maç.: - independentemente de Rito.

O Gr.: de Apr.: é dedicado ao aperfeiçoamento do neófito, no trabalho da Pedra Bruta. É, ainda, dedicado a seu aperfeiçoamento enquanto Ser e parte do Universo.

Desta forma, o Gr.: de Apr.: Maç.: é a síntese da Fraternidade. Como relata nosso Ir.: José Castellani, o Gr.: de Apr.: é a **intuição**. E, de forma diferente não poderia ser, posto que o Apr.: ainda nada sabe e, simbolicamente, sequer fala. Os MM.: MM.:, em sua obrigação, devem zelar pelo aprendizado dos neófitos.

Desta forma, o Salmo 133, que, apesar de **religioso** não é próprio de uma religião, trata de **união fraternal** entre os I Ir.:. E, o mais importante, é que vivamos em eterna união, com o óleo, símbolo de unção.

Ainda no Salmo 133, um dos princípios da Maçonaria, que é a vida para sempre - o espírito dominando a matéria - valendo lembrar a posição do Esquadro e do Compasso nos respectivos GGr.:. Enquanto Apr.:, o Ir.: neófito ainda possui a matéria predominando o espírito, mas já sabe que sua tarefa é desbastar e lapidar sua pedra bruta, devendo, sempre, ter em mente a alquímica abreviação

V.: I.: T.: R.: I.: O.: L.:

Justifica-se, assim, a síntese do Gr.: de Apr.: Maç.: e o uso do Salmo 133 na abertura dos trabalhos - **religioso** sem conceituação de religião. Texto neutro!

Trata-se, sem sombra de dúvidas, ser esta tese filosófica, pretendendo, assim, abrir campo para o trabalho investigativo e o real conhecimento do motivo da abertura do L.: da L.: no Antigo Testamento.



Volto a repetir que o Antigo Testamento é neutro - religioso, mas neutro - e, desta forma, não há, aqui, qualquer convicção a nível de religião pré-constituída, o que resultaria em uma afronta à Universalidade Maçônica.

Em análise - Amós Cap. VII

Gr.: 02

" Isto me mostrou ele; eis que estava Jeová junto a um muro, feito a prumo. Jeová disse-me: que vês tu, Amós? Eu respondi: um prumo. Então disse Jeová: Eis que porei um prumo no meio de meu povo de Israel, e não tornarei a passar por ele. "

Amós, 7:7 – 8



Se o Gr.: de Apr.: é a **intuição**, o Gr.: de Comp.: Maç.: é

¹⁰ Em parceria com o Ir.: Raimundo Rodrigues - Ed. A Trolha Ltda. - Londrina - PR - 1995

a **síntese**. Mas, adentremos à simbologia do Gr.: 02 e, sem qualquer identificação de ss.:, tt.: e pp.:, podemos, apenas, dizer que o s.: do Gr.: de Comp.: forma um prumo e um esquadro, como relatam José Castellani e Raimundo Rodrigues¹¹.

Na segunda parte da Cartilha do Companheiro, Raimundo Rodrigues afirma que " já o Segundo Grau é social e político. Chega a ser um Grau cognoscível, porque exige uma interpretação objetiva, segura e inteligente da realidade física.

O Segundo Grau é, sob todos os aspectos, intrinsecamente filosófico."

Desta forma, um dos métodos para chegar-se a conclusões razoáveis na Maçonaria é a lógica. Assim sendo, necessário um silogismo para conseguirmos identificar o uso do Antigo Testamento nos trabalhos simbólicos.

Ora, se o L.: da L.: nos ritos teístas e deístas é a palavra revelada, somente não se encontrando, assim, no Rito Moderno - que adota as Constituições de Anderson como L.: da L.: -, não temos no Antigo Testamento, propriamente, uma religião determinada, ainda que os judeus o utilizem. O certo, contudo, é que o Antigo Testamento é neutro, em todos os sentidos.

Na obra de Jorge Buarque Lyra, o autor tece ferrenhas críticas às "duas" bíblias - a dos católicos e a dos protestantes (aqui incluindo-se as demais religiões evangélicas e pentecostais).

Pois bem, neste silogismo, temos:

- A Maçonaria é religiosa, sem professar uma fé enquanto religião
- O uso do Novo Testamento é Cristão - independente da religião
- O Antigo Testamento é livro neutro, mais histórico e mitológico

Desta forma, partindo para um raciocínio puramente filosófico, notadamente no que diz respeito ao Gr.: de Comp.:, temos que se adotarmos os livros do Novo Testamento, estaremos lançando uma técnica própria de religião, ao passo que o Antigo Testamento não nos traz maiores contrariedades a nível de convicção religiosa.

Ainda, podemos concluir que os textos utilizados nos GGr.: SSimb.: dizem respeito à filosofia do Gr.:. Assim vimos no Gr.: 01 e, agora, no Gr.: 02.

A respeito do silogismo, conseguimos captar a brilhante dedução do Ir.: Francisco de Assis Carvalho - o Xico Trolha -, em sua obra Companheiro Maçom¹², quando, na página 27, assevera:

" que no Grau de Companheiro o número Dois vem a ser, por conseguinte, a **Dialética**, pela qual, **de afirmações e negações** resultam **conclusões**, assim como das **teses e antíteses** resultam **síntese**; "

E o que é filosofar, se não fazermos este exercício mental, utilizando-se da lógica como ciência?

À falta de texto acerca do tema, fica a tese, restando suas antíteses, para alcançarmos uma síntese.

Pois bem! No que diz respeito a Amós, podemos concluir que o texto resume o Gr.: de Comp.: Maçom. O Companheiro, por tudo visto, deve ser o elo de ligação - o verdadeiro Gr.: da Maç.:.

Com o prumo faz-se o trabalho e com o mesmo prumo corrigem-se os erros.

Em análise - Eclesiástico, Cap. XII - Vers. 1, 2, 7 e 8

Gr.: 03

"Lembra-te do teu Criador nos dias da tua juventude antes que venham os dias maus e cheguem os anos, dos quais dirás: 'Não sinto prazer neles'; antes que se escureça o sol, a luz, a lua e as estrelas, e voltem as nuvens depois da chuva. E o pó volte à terra donde saiu, e o espírito volte a Deus que o deu. Vaidade de vaidades, disse o pregador, e tudo é vaidade."

Nos três GGr.: o Esquadro e Compasso posicionam-se



¹¹ **Cartilha do Companheiro** - José Castellani e Raimundo Rodrigues - Ed. A Trolha Ltda. - Londrina - PR - 1998

¹² **Companheiro Maçom** - Assis Carvalho - Ed. A Trolha Ltda. - Londrina/PR - 2ª Edição - 1996

de forma diferente, sendo certo que, a admitir-se o compasso como regra de conduta, o instrumento a delinear a perfeição do caráter, o M.: M.: já domina o espírito sobre a matéria.

Como dito durante este trabalho, os textos do Antigo Testamento têm em comum a filosofia do Gr.: correspondente. O Apr.:, recém-iniciado nos mistérios da Maç.:, recebe o amor fraternal, representado pelo Salmo 133, em síntese das romãs encimando os capitéis das CCol.: à entrada do Templo. No Gr.: 02, a decepção com o "reino" e, desta forma, a necessidade do prumo, para acertar os passos errados e, finalmente, no Gr.: 03, "*E o pó volte à terra donde saiu, e o espírito volte a Deus que o deu*", que é a síntese da prevalência do espírito sobre a matéria.

Segundo narrativa explicativa contida na Bíblia Sagrada, o Livro do Eclesiástico representa Salomão, posto ser o livro da Sabedoria. E, por que não afirmarmos que o M.: M.:, ainda que simbolicamente, tenha atingido a plenitude de seu conhecimento, na tarefa árdua de, primeiro, ter desbastado a P.: B.:, ao depois, ter trabalhado na P.: P.: e, finalmente, após v.: a ac.:, esta símbolo da imortalidade, ter atingido a plenitude desejada na Construção da Grande Obra da Humanidade?

Assim, meus Iir.:, fica delineada minha tese. Sem dúvida, sendo mister em nossos ttrab.: a exaustiva procura da verdade, que venham as antíteses, para que cheguemos à síntese.

Assim seja!

Bibliografia

Fontes secundárias

Livros Estrangeiros

1. MACKEY, Albert G. - **The History of Freemasonry** - Nova York - EUA - Gramercy Books - * sem data*

Livros Nacionais

1. CARVALHO, Francisco de Assis - **A Descristianização da Maçonaria** - Londrina - PR - Ed. A Trolha Ltda. - 1997

- **Companheiro Maçom** - Londrina - PR - Ed. A Trolha Ltda. - 1996

2. CASTELLANI, José - **Análise da Constituição de Anderson** (em conjunto com Raimundo Rodrigues) - Londrina - PR - Ed. A Trolha Ltda. - 1995

- **Cartilha do Companheiro** (em conjunto com Raimundo Rodrigues) - Londrina - PR - Ed. A Trolha Ltda. - 1998

- **Cartilha do Aprendiz** - Londrina - PR - Ed. A Trolha Ltda. - 1996

- **A Maçonaria e sua Herança Hebraica** - Londrina - PR - Ed. A Trolha Ltda. - 1993

- **O Rito Escocês Antigo e Aceito** - Londrina - PR - Ed. A Trolha Ltda. - 1996

- **Liturgia e Ritualística do Grau de Aprendiz Maçom** - São Paulo - SP - A Gazeta Maçônica - 1987

- **Liturgia e Ritualística do Grau de Companheiro Maçom** - São Paulo - SP - A Gazeta Maçônica - 1987

- **Liturgia e Ritualística do Grau de Mestre Maçom** - São Paulo - SP - A Gazeta Maçônica - 1987

3. JESUS, Marcus Moraes de - **Abertura do Livro da Lei** - Londrina - PR - Ed. A Trolha Ltda. - 1998

4. LOPES, José - **Coletânea Maçônica** - Londrina - PR - Ed. A Trolha Ltda - 1997

5. PETERS, Ambrosio - **O Manuscrito Régio e o Livro das Constituições** - Londrina - PR - Ed. A Trolha Ltda. - 1997

Fontes de Pesquisa

1. A Bíblia Sagrada - Ed. Paulinas - SP - 1980

2. Dicionário de Filosofia - Jacqueline Russ - Ed. Scipione - São Paulo - 1994

A Influência do Positivismo na Sociedade Brasileira

José Carlos de Araújo Almeida Filho

Este artigo tem por escopo desenvolver o tema cujo título se apresenta, verificando, inicialmente, o significado filosófico do termo “positivismo”, na concepção do filósofo moderno Augusto Comte, com origem no Século XIX.

Além desta visão dialética, pretendemos demonstrar o papel decisivo da Maçonaria no que diz respeito ao seu pensamento, de caráter notadamente positivista, e a influência de alguns Maçons neste processo acadêmico e filosófico, analisando, ainda, as primeiras normas jurídicas nitidamente nacionais, posto que, antes, as normas adotadas no Brasil eram emanadas da Coroa Portuguesa.

Acreditamos que o presente trabalho, sob forma de artigo, nitidamente de pesquisa, é um grande passo da APLM, uma vez que podemos identificar todos os aspectos relativos ao tema, o que proporciona um maior engrandecimento da cultura brasileira, da memória Maçônica e de nosso verdadeiro resgate à História.

A Influência do Positivismo na Formação da Sociedade Brasileira

O Positivismo

Ainda que o positivismo seja uma escola filosófica característica do Século XIX – e aqui vale ressaltar que neste período nascem as principais normas positivas e consolidadas brasileiras, como o Código Comercial e outras, afastando-se das conhecidas Ordenações emanadas da Corte Portuguesa – conseguimos encontrar suas origens no Iluminismo, notadamente nas concepções de Kant e Goethe, este último Maçom¹.

O Iluminismo, ou a Idade das Luzes, foi um movimento filosófico surgido no Século XIX, conhecido, especialmente, pelo desapego do Homem às normas de conduta adotadas pelos governantes autoritários e discricionários, na Europa, mas com repercussão em todo o mundo, valendo lembrar que, neste período de fantásticas evoluções do pensamento acadêmico, houve a Declaração dos Direitos Universais do Homem, a Queda da Bastilha e a Independência Americana, dentre outros de não menos importância.

O positivismo, enquanto escola filosófica, pode ser considerado uma oposição à “Escolástica²”, bem como ao famoso Discurso do Método, de René Descartes³ e, seguindo-se à esta linha de raciocínio, encontramos diametralmente oposto o positivismo, no pensamento filosófico do Século XIX, onde o que se propaga é o abandono das concepções metafísicas, procurando, **positivamente**, o Homem, encontrar os caminhos que a religiosidade não conseguiria explicar ou desenvolver.

A preocupação de Comte era provar, por meios científicos e lógicos, uma trilogia entre a teologia, a metafísica e as manifestações sociais. O pensamento filosófico do positivismo pode ser considerado, assim, como um fenômeno sociológico, onde ao pesquisador somente compete analisar, avaliar e transcrever os fatos na forma em que se desenvolveram.

Se, antes, estávamos atentos aos experimentos aristoteleanos, no que se pode conceber como sendo a “pura filosofia”, passando-se à ironia socrática e, ainda, caminhando nos pensamentos filosóficos medievais, o que encontramos é o Homem à busca de uma razão para a sua existência. A partir do momento em que esta busca parece inatingível, os filósofos franceses começam a afirmar que o conhecimento teológico, o antropomorfismo e as demais concepções de Deus são vagas, não passando de afirmações esotéricas e de caráter místico, com uma ligeira entonação à metafísica. Ao passo em que o pensamento do Século XVIII busca a Idade das Luzes, com o

¹ ASLAM, Nicola. Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbologia, Vol. II, Londrina: Editora Maçônica A Trolha Ltda. - 1996

² Pensamento clássico do Século XIII, que abstrai conceitos aristoteleanos, combinados com a busca da razão à fé. No Século XVII temos o Discurso do Método, de Descartes, onde, além de dirigir quase que uma autobiografia, pretende através de seu “discurso”, provar uma existência “racional” de Deus. De natureza metafísica, opõe-se, claramente, ao pensamento positivista, que pretende, justamente, abolir estes conceitos medievais.

³ DESCARTES, René. Discurso do Método. Tradução M. Ermantina Galvão Gomes Pereira, São Paulo: Martins Fontes Editora - 1989

Iluminismo – e aqui faz-se uma grande confusão acerca do papel da Maçonaria -, no Século XIX os filósofos estão preocupados em “racionalizar” os experimentos até então não provados cientificamente.

Aliado ao positivismo, enquanto teoria puramente filosófica, encontramos o agnosticismo, que, segundo Jacqueline Russ, em seu Dicionário de Filosofia⁴, conceitua como sendo o agnosticismo “ **a doutrina segundo a qual o fundo das coisas seria incognoscível; não poderia ultrapassar os dados sensíveis.** ”

O certo é que com o positivismo, o Homem passou a procurar as verdadeiras causas, para atacar-lhes os efeitos.

Segundo relatos da Igreja Positivista Brasileira⁵, esta fundada na cidade do Rio de Janeiro, com base nas teorias de Comte, os militares brasileiros, notadamente os Maçons, foram os grandes responsáveis pelo positivismo no Brasil, começando, aqui, nossa abordagem sistemática acerca do tema proposto.

Para a Igreja mencionada alhures, Benjamim Constant foi um dos militares positivistas, que lutaram em prol da paz, em contraposição à guerra. Ainda que alguns militares fossem obrigados, por questão de ofício, a enfrentar as batalhas, como a Guerra do Paraguai, sua intenção sempre foi a de manter a paz, na construção de uma sociedade positivista.

Da busca realizada na Internet, **apud** nota 7, transcrevemos o seguinte texto, de autoria da Igreja mencionada:

“ Benjamim Constant esteve na linha de frente na Guerra do Paraguai, donde só saiu por cair doente. No glorioso 15 de novembro assumiu o comando da 2a. Brigada até a chegada de Deodoro e cavalgou na frente da tropa até o fim da jornada. Foi ministro da Guerra por sete meses, de 15.11.1889 a 22.6.1890, tendo criado a Comissão de Reforma das Escolas Militares (Rio, Rio grande do Sul e Ceará), a Comissão para Organização do Código de Justiça Militar, a Escola Superior de Guerra, e a Comissão de Reorganização do Exército. Nunca se descuidou , portanto, da operosidade militar. Além dos exercícios nos quartéis e campos de manobra, houve o trabalho penoso da Comissão Rondon que absorveu e sacrificou muitos positivistas. Nas duas Grandes Guerras Mundiais, os positivistas estiveram nos seus postos. Os chamados "jovens turcos" que contribuíram para o reaparelhamento do Exército continham positivistas e os autênticos comandados pelo Ataturk eram de orientação declaradamente positivista. A Missão Militar Francesa foi promovida por atuação de positivistas: marechal Hermes, general Tasso Fragoso, diplomata Graça Aranha. ”

Para o professor Giuliano Di Bernardo⁶, este Maçom e Grão Mestre do Grande Oriente da Itália em 1990, a Maçonaria, em contraposição à sua origem enquanto “especulativa” - ou dos Maçons Aceitos, como preferimos chamá-la -, do início do Século XVIII, deixou de adotar os mistérios trazidos pelas brumas de sua história, ao positivismo de meados do Século XIX. Se, por um lado, afirma-se a crença no Grande Arquiteto do Universo, por outro lado começa a surgir uma corrente, oriunda do Grande Oriente da França, onde a necessidade de “provar-se” a existência do Criador acabou por gerar um forte movimento racionalista, podendo-se, inclusive, afirmar que é a origem do agnosticismo Maçônico – o que não tem nada em comum com o ateísmo.

Estávamos, como sempre nos lembra Paul Naudon⁷, adstritos aos conceitos do Manuscrito Régio, passando a lendas não aceitas na Maçonaria, quando se buscava um misto de religiosidade empírica, adotando, inclusive, as origens do mundo à Instituição, tendo sido Davi, Jesus e outras personagens históricas todos Maçons.

Encontramos, assim, um ponto de partida para a influência do positivismo na formação da sociedade brasileira, tendo em vista os grandes movimentos do Século XIX, de caráter notadamente positivista, destacando-se a fundação do Grande Oriente do Brasil, em 1822, com caráter nitidamente de proclamar-se a Independência do Brasil.

Analizados os conceitos do positivismo, necessários à compreensão do tema que nos envolve, cumpre-nos, antes de adentrar, ainda, ao âmago do artigo, afirmar que as legislações pátrias passaram a existir a partir do Século XIX, quando abolimos as Ordenações emanadas da Corte Portuguesa.

Antes da Proclamação da Independência do Brasil – e aqui podemos afirmar, sem qualquer medo de erro, que foi um movimento positivista Maçônico -, encontrávamo-nos sob o jugo da Coroa Real Portuguesa. A necessidade de o Brasil afirmar-se enquanto pátria livre, obrigou-nos a fundar a primeira Faculdade de Ciências

⁴ RUSS, Jacqueline. Dicionário de Filosofia. Editora Scipione, São Paulo: 1994

⁵ IGREJA POSITIVISTA DO BRASIL. A influência no Brasil. Obtido via base de dados pela Internet. [199?]. Capturado em 30 de abril de 2000. Online. Disponível na Internet <http://www.arras.com.br/igposit/>

⁶ DI BERNARDO, Giuliano. Filosofia da Maçonaria – A Imagem Maçônica do Homem. Uberlândia – MG, Royal Arch Editora, 1997.

⁷ NAUDON, Paul – Les Origines de la Franc-Maçonnerie – Paris, Dervy, 1991.

- Histoire Générale de la Franc-Maçonnerie – Paris, Office du Livre, 1987.

Jurídicas, a editar a primeira norma positiva nacional, que é o Código Comercial Brasileiro e, já no Século XX, nasce o Código Civil Brasileiro, editado em 1916.

Estas normas, tamanha a precisão positivista insertas em seus conteúdos, vigoram até os dias de hoje, ainda que tenham sofrido modificações com o passar dos anos, posto que o Direito não é uma ciência exata, imutável e estática.

Temos no positivismo um forte aliado para derrotar as concepções de terem os Maçons participado, enquanto Instituição, da Queda da Bastilha. E, sobre este aspecto, adentraremos em nossas considerações próprias ao tema, com o auxílio do historiador português Oliveira Marques.

O Positivismo no Brasil

Antecedentes do Movimento

O historiador português Oliveira Marques⁸ relata a preocupação dos Maçons em desvincularem-se dos movimentos que eclodiram na Revolução Francesa, pretendendo, assim, uma desassociação de que a Maçonaria fosse jacobina, iluminista ou de outra forma vinculada a qualquer papel político-partidário.

Em sua obra, Oliveira Marques traça os horrores praticados pelo Santo Ofício, em finais do Século XVIII, quando Antônio de Queiroz, em 1792, desejoso de ver-se livre da Inquisição, confessara a participação da Maçonaria nos movimentos políticos, independentemente de sua sodomia confessa, conforme encontram-se nos autos do processo da Inquisição de Lisboa⁹, números 13388 a 16815, com o que seguiram-se diversos artigos publicados por Hipólito da Costa¹⁰, entre os anos de 1809 a 1816, no *Correio Braziliense*¹¹, pretendendo desmitificar estes conceitos e fazer uma distinção clara entre jacobinos, iluministas e Maçons.

O positivismo, enquanto pensamento filosófico marcante no Século XIX, posterior, porém, à criação do *Correio Braziliense*, já apresentava delineadas manifestações, ainda que não propriamente como tal, no pensamento dos Maçons brasileiros. Podemos citar, ainda que este fato contrarie as afirmações de José Castellani¹², que Hipólito José da Costa já se apresentava – se não como – como idéias nitidamente positivistas, em contraposição ao Iluminismo.

Podemos, pelo menos em tese, concluir que Hipólito José da Costa, diante de suas manifestações públicas no periódico já mencionado, ao pretender desvincular a Maçonaria do jacobinismo e do iluminismo, estaria antecedendo, no Brasil, o positivismo clássico de Comte.

Assim sendo, nossa primeira manifestação nitidamente positivista, em prol da construção da sociedade brasileira, foi a Independência do Brasil – movimento nitidamente Maçônico.

Por formação da sociedade brasileira devemos narrar os fatos a partir de 1822, como início da formação da verdadeira sociedade brasileira, tendo em vista os movimentos de Independência, culminados em 07 de setembro do mesmo ano.

Isto porque, antes de 1822, o Brasil era uma colônia de Portugal e, por sociedade brasileira, devemos entender aquela construída pela Nação, livre das imposições alienígenas.

O Historiador Maçônico Frederico Guilherme Costa, em sua dissertação de Mestrado¹³, versando sobre a emancipação lenta e gradual do escravo, inicia o capítulo II de sua obra narrando “O Pensamento Maçônico no Século XIX”, assim escrevendo:

“Sérgio Buarque de Holanda¹⁴ reconhece a importância da Maçonaria na independência, destacando o papel que os Maçons puderam desempenhar no movimento de libertação e afirma que a partir de 1852

⁸ MARQUES, A. H. de Oliveira. História da Maçonaria em Portugal – Vol. I. Lisboa, Editorial Presença. 1990.

⁹ *apud* ob. cit. nota 10

¹⁰ Maçom iniciado na Loja “Washington” nº 59, de Filadélfia, Pensilvânia, em 1799. Segundo José Castellani, é o mais autêntico dos intelectuais brasileiros da “época das luzes” e, portanto, na interpretação deste nosso grande maçonólogo, um iluminista.

¹¹ José Castellani, em sua obra OS MAÇONS NA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL, Ed. Maçônica A Trolha Ltda. Londrina, 1990., narra que “o primeiro jornal a circular no Brasil, embora feito fora dele, foi o “Correio Braziliense”, ou “Armazem Literário”, publicado a partir de 1808, pelo Maçom Hipólito José da Costa, cognominado o “Patriarca da Imprensa Brasileira.”

¹² Vide nota 12.

¹³ COSTA, Frederico Guilherme. A Maçonaria e a Emancipação do Escravo. Londrina. Editora Maçônica A Trolha Ltda., 1999.

¹⁴ Nota do próprio autor, em sua obra, que consiste no seguinte: “Confira em Sérgio Buarque de Holanda “Da Maçonaria ao Positivismo” in *História Geral da Civilização Brasileira*, T. II, 5º volume. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972. Igualmente deve ser considerado o ponto de vista de Cruz Costa na obra *Contribuição à História das Idéias no Brasil*, especialmente o capítulo “Um Bando de Idéias Novas”, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. Ainda em Cruz Costa, veja *Pequena História da República*, 3ª edição, pp. 25-26, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.”

esta importância estava em declínio, “ confundindo-se com ela (...) uma doutrina [positivista], também agnóstica e que na era do Progresso, visava nada menos do que a regeneração da Humanidade pela Ciência¹⁵. ”

Como mencionamos desde o início, as normas positivistas brasileiras, em termos legislativos, tiveram início no Século XIX – e aqui entra o papel da Maçonaria, como marco de nossa História Pátria, com a fundação do Grande Oriente do Brasil, em 17 de junho de 1822 -, valendo lembrar o Dia do Fico, aos 09 de janeiro de 1822, que representou, na realidade, uma desobediência aos decretos 124 e 125, da Coroa Portuguesa¹⁶.

Posteriormente ao Dia do Fico, seguindo-se a fundação do Grande Oriente do Brasil, com a divisão da Loja Maçônica Comércio e Artes¹⁷, eclode o movimento pela Independência do Brasil, consumado aos 07 de setembro de 1822, com o famoso “Grito do Ipiranga”, pela “Independência ou Morte”.

Sem sombra de dúvidas, a partir do momento em que é fundado o Grande Oriente do Brasil, hoje a segunda maior Potência do Mundo e a maior da América Latina, se não temos um movimento nitidamente positivista, temos o início do que eram os pensamentos de Comte na Europa.

A INFLUÊNCIA DO POSITIVISMO

Ao contrário do que muitos podem pensar, o positivismo foi de grande importância histórica para a formação da sociedade brasileira, como um todo. Tanto é verdade que, somente na Biblioteca do Museu Imperial de Petrópolis, encontramos três referências importantíssimas acerca do movimento¹⁸, vindo a corroborar a tese da Igreja Positivista de que Benjamin Constant era adepto da filosofia racional, podendo-se afirmar, inclusive, tratar-se de um saudável laicismo, notadamente diante da separação do Estado e da Igreja, já no Segundo Reinado.

O laicismo no Brasil deveu-se, em parte, à Questão Religiosa, que foi, na realidade, um ataque da Igreja contra a Maçonaria, quando, no ano de 1872 comemorava-se, no Palácio do Lavradio, a Lei do Ventre Livre, prestigiando Visconde do Rio Branco, então Grão Mestre do Grande Oriente do Brasil. De fato, havia discursado na homenagem o Padre José Luís de Almeida, sendo, ao depois, suspenso de suas funções.

O certo é que, explícita ou implicitamente, não mais se justificava a coexistência entre Estado e Igreja, por certo que os membros do clero eram, notadamente, “funcionários públicos”.

A separação do Estado e da Igreja é sinônimo de forte movimento positivista, independente e de natureza laica.

Não podia o Estado andar passo a passo com as ordens emanadas do clero e vice-versa.

Dentre outros movimentos de natureza positivista no Brasil, encontramos, ainda, a Proclamação da República, aos 15 de novembro de 1889, tendo como um de seus integrantes o positivista Benjamin Constant. O caráter positivista de Benjamin Constant, independentemente do movimento positivista, apontava-se já na Academia Militar, posto estar mais interessado aos estudos¹⁹ da matemática.

Suas idéias, contudo, já ressonavam na Escola Militar, mostrando-se ele nitidamente contrário à monarquia e, daí em diante, diversos outros militares adotariam suas idéias de abolicionismo – ou emancipacionismo²⁰ – e republicanas.

O próprio movimento emancipacionista, nascido de alguns Maçons, dentre eles Ruy Barbosa²¹, ajudariam na eclosão do movimento republicano, consumado, enfim, aos 15 de novembro de 1889, antecipadamente, posto que o levante estaria marcado para o dia 16 de novembro.

¹⁵ Nota também do autor: “Idem, p. 289. ”

¹⁶ in, CASTELLANI, José. Os Maçons na Independência do Brasil. Ed. Maçônica A Trolha Ltda. Londrina, 1993.

¹⁷ Ver ata de fundação do Grande Oriente do Brasil, transcrita, na íntegra, na obra acima, bem como em: **História do Grande Oriente do Brasil**, de José Castellani, editado pela Gráfica do Grande Oriente do Brasil, Brasília: 1991.

¹⁸ L Villeroy, A.Ximeno de. ...Benjamin Constant e a política republicana. Rio de Janeiro: s.ed., 1928. ...349p . 19cm.

Lins, Ivan Monteiro de Barros, 1904- ...O positivismo no Brasil. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, [1959]. ... 23p . 27cm (Decimália - Série - Biblioteca Nacional)

Igreja e Apostolado Positivista do Brasil ...O Império Brasileiro e a Republica Brasileira perante a regeneração social. Rio de Janeiro: s.ed., 1913. ... 42p . 23cm

¹⁹ Aconselhamos a leitura da obra de José Castellani – **A Maçonaria e o Movimento Republicano Brasileiro**, Traço Editora, São Paulo: 1989.

²⁰ Termo adotado, com propriedade, pelo Maçom e Mestre em História Frederico Guilherme Costa, para diferenciar as causas emancipacionistas das abolicionistas.

²¹ Iniciado na Loja América, ao Or.: de São Paulo, não tendo notícias que teria passado do Gr.: de Apr.: Na Loja América Ruy Barbosa lançou a idéia de uma legislação maçônica, sendo aprovada, ao depois, pelo G.: O.: B.:, onde aos Maçons era proibida a

No entanto, face ao estado precário de saúde de Deodoro, Floriano Peixoto antecipava o movimento, ficando, assim, o dia 15 como o da Proclamação da República e a queda da Monarquia no Brasil.

Todos estes movimentos – maçônicos ou com a participação dos maçons -, em muito contribuíram, para a formação de nossa sociedade, seja no que diz respeito à forma de governo, seja no que diz respeito ao próprio pensamento filosófico adotado.

O certo é que em 500 anos de História, em termos de pensamento nacional, podemos atribuir como data marcante da sociedade brasileira, o ano de 1822, em pleno Século XIX, na transição do Iluminismo para o Positivismo.

Antes, estávamos atentos às normas emanadas da Coroa, ainda que movimentos outros fizessem parte de nossa história.

No entanto, uma vez que este trabalho visa traçar um paralelo entre o positivismo, o pensamento maçônico de cunho, inicialmente, iluminista e o positivismo que culminou com alguns movimentos, dentre eles o civilismo de Ruy Barbosa, nossa linha historiográfica somente pode iniciar-se no Século XIX.

O tema proposto, sem dúvida alguma, enseja uma dissertação mais aprofundada. Assim sendo, para concluir o trabalho a que nos propusemos realizar, com o fim de delinear a influência do positivismo na sociedade brasileira, notadamente a Independência do Brasil e, ao depois, a separação do Estado e da Igreja, outros movimentos importantes eclodiram, dentre eles:

- A Questão Militar
- O Levante do Governo Republicano
- A Abolição da Escravatura

Podemos afirmar, sem sofismas, que o Brasil é uma pátria livre, fundada no lema positivista Ordem e Progresso. E que trabalhos com este cunho rendam frutos de pesquisa, posto que nossa querida e amada Terra do Brasil necessita de memória.

BIBLIOGRAFIA

1. FONTES PRIMÁRIAS

1.1. FONTES PRIMÁRIAS POR MEIO ELETRÔNICO

Internet - IGREJA POSITIVISTA DO BRASIL. A influência no Brasil. Obtido via base de dados pela Internet. [199?]. Capturado em 30 de abril de 2000. Online. Disponível na Internet <http://www.arras.com.br/igrposit/>

2. FONTES SECUNDÁRIAS

2.1. LIVROS

ASLAM, Nicola. Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbologia, Vol. II, Londrina: Editora Maçônica A Trolha Ltda. – 1996.

_____ História Geral da Maçonaria, Londrina: Editora Maçônica A Trolha Ltda. – 1997.

CASTELLANI, José. Os Maçons na Independência do Brasil. Ed. Maçônica A Trolha Ltda. Londrina, 1993.

_____ História do Grande Oriente do Brasil. Gráfica do Grande Oriente do Brasil. Brasília, 1993

_____ A Maçonaria e o Movimento Republicano Brasileiro. Traço Editora. São Paulo, 1989

COSTA, Frederico Guilherme. A Maçonaria e a Emancipação do Escravo. Londrina. Editora Maçônica A Trolha Ltda., 1999.

DESCARTES, René. Discurso do Método. Tradução M. Ermantina Galvão Gomes Pereira, São Paulo: Martins Fontes Editora – 1989

manutenção em cativeiro das filhas nascidas de escravos. Seria um prelúdio para a Lei do Ventre Livre, enquanto Ministro o Visconde do Rio Branco, também Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil. A lei maçônica era de caráter emancipacionista.

DI BERNARDO, Giuliano. Filosofia da Maçonaria – A Imagem Maçônica do Homem. Uberlândia – MG, Royal Arch Editora, 1997.

MARQUES, A. H. de Oliveira. História da Maçonaria em Portugal – Vol. I. Lisboa, Editorial Presença. 1990.

NAUDON, Paul – Les Origines de la Franc-Maçonnerie – Paris, Dervy, 1991.

_____ - Histoire Générale de la Franc-Maçonnerie – Paris, Office du Livre, 1987.

RUSS, Jacqueline. Dicionário de Filosofia. Editora Scipione, São Paulo: 1994

Fraternidade

PPod.: Ilr.:,

Este trabalho fiz enquanto Apr.:

∴

Or.: de Petrópolis, 19 de maio de 1997 (Inic.: em 19/10/1996 - Elev.: 20/05/1998 - Exalt.: 05/06/1998)

Resolvi desenvolver este trabalho para tratar do tema Fraternidade, um dos lemas de nossa Sublime e Sagrada Instituição. Para tanto, procurei definir o termo, através do Dicionário Aurélio, sendo certo que o mesmo significa:

"Do latim fraternitate. 1. Parentesco de irmãos; irmandade. 2. Amor a próximo; fraternização. 3. União ou convivência com irmãos; harmonia, paz, concórdia, fraternização. "

Pois bem, vivemos, em nossa Sublime Ordem, em caráter de fraternidade, onde nos chamamos de Irmãos. No entanto, nossos corações entristecem-se quando vemos irmãos discutirem e brigarem por vaidade - o que não deixa de ser um vício, ao qual juramos combater, no intuito de levantarmos Templos à Virtude.

Deixando de lado a tristeza que envolve nossos corações, quando vimos que a Fraternidade é abandonada por vaidades profanas, procurarei desenvolver este trabalho à luz do Direito Natural, em sua visão metafísica e antropológica, com o auxílio do livro de Ylves José de Miranda Guimarães e de nossa Constituição da República Federativa do Brasil.

O primeiro tema que chamou-me a atenção, uma vez que vivemos em Fraternidade, foi a do direito à família.

A família é a **célula mater** da sociedade, geradora do Estado de Direito. Do livro mencionado, transcrevo a seguinte conclusão do autor:

" É a família, como vimos, sociedade primeira e essencial e, por conseguinte, fundamento da sociedade perfeita ou comunidade política. A sociedade civil encontra-se prefigurada na família, se se tem presente o bem comum próprio que, por sua vez, subordina-se ao bem comum da sociedade civil."

Assim, base de toda nossa formação emocional, é encarmos a nós mesmos, de modo a sermos coesos em nossos pensamentos, visando, em primeiro plano, nosso bem-estar, para. Depois, estarmos bem diante da sociedade. Aquele que não consegue encontra-se consigo próprio, jamais poderá fazer parte de uma fraternidade.

O homem enquanto ser, é duo. E esta dualidade lhe permite atos desprezíveis. Ao contrário, se o homem utilizasse-se desta dualidade para compreender o próximo e lhe perdoar a sua dualidade, poderíamos viver, eternamente, em estado de Fraternidade.

No livro profano, A Introdução ao Pensar, de Arcângelo R. Bruzzi, podemos retirar algumas frases que nos faz refletir sobre nós mesmos, pois somos fracos e sensíveis como os ramos da acácia, que nasce no outono, embeleza por quase um mês e, depois, com a chegada do inverno, se despede, deixando apenas a lembrança daqueles galhos enfraquecidos pelo terrível frio que nos assola. Mas, também, deixa suas sementes.

São os seguintes pensamentos que nos faz refletir sobre a família, a fraternidade, a igualdade e a liberdade:

" Mestre não é quem sempre ensina. Mas quem - de repente - aprende " - Guimarães Rosa

" Não se deve jamais dar pelo consentimento senão a verdades evidentes que não podem ser recusadas sem sentir uma dor interior e a reprovação secreta da razão " Malebranche

Para finalizar esta parte do tema que desenvolvo, afirmo que a Maçonaria é uma grande família, um direito natural que possuímos arraigado em nossas mentes, no nosso pensar e no nosso agir. Pensar, apenas, não basta. Precisamos agir e sermos verdadeiramente fraternos. Assim, concluirei com um pensamento de Nietzsche:

“ Foi fácil te encontrar, difícil agora é te perder. ”

Encontrar a Maçonaria é fácil, sem dúvida. Difícil é termos ela em nossos corações. Quando deixamos que a Maçonaria tome conta de nossos corações, e olhamos para o lado e podemos enxergar numa pessoa que jamais vimos, um Irmão, poderemos chegar em casa e beijar nossos filhos, nossas esposas e nossos pais, em verdadeiro direito de termos uma família.

Com isso, desenvolvemos o direito natural de igualdade e liberdade.

Nossa Constituição da República, em seu art. 5º, assevera:

“ Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: ”

Notamos que a Constituição não fala, expressamente, em Fraternidade. Mas quando ela diz que somos todos iguais perante a lei, pretende ela dar um caráter de macro-família, pois preza a liberdade e a igualdade.

Nossa Magna Carta veda, ainda, discriminações, sejam elas quais forem, o que consubstancia um princípio natural de igualdade, liberdade e fraternidade.

A fraternidade, desta forma, ainda que não codificada no mundo profano, é um direito natural. Como já tive oportunidade de manifestar anteriormente em Loja, a Maçonaria é um direito natural e indisponível. Ela se enraíça em nosso ser e, como tal, devemos preservá-la e aceitá-la, rogando ao G.: A.: D.: U.: que nos ilumine em Luz - Vida - Amor.

De um provérbio chinês, encontramos a sapiência dos orientais, quando se afirma que: **“ Se o homem errado usar o meio correto, atuará de forma errada. ”**

Assim somos nós. Se não estamos bem conosco, como podemos fazer com que a fraternidade seja pregada e exaltada, na prática?

Da grande obra de Saint-Exupéry, **O Pequeno Príncipe**, podemos sintetizar o que disse:

“ As pessoas têm estrelas que não são as mesmas. Para uns, que viajam, as estrelas são guias. Para outras, elas não passam de pequenas luzes. Para outros, os sábios, são problemas. Para o meu negociante eram ouro. Mas todas as estrelas se calam. Tu, porém, terás estrelas como ninguém... Quando olhares para o céu da noite, ... então será como se todas as estrelas rissem! E tu terás estrelas que sabem rir! ”

E, isto tudo, meus Irs.:, porque **“ o essencial é invisível aos olhos. ”**

Que continuemos, aventais com abetas erguidas ou já abaixadas, aventais de mestre, aventais com ornamentos, a trabalharmos na pedra bruta, munidos de malhete e cinzel, com a trolha, afim de passarmos a argamassa que nos permitirá levantarmos Templos à virtude. E que estes Templos comecem dentro de nossas Lojas.

Que o G.: A.: D.: U.: nos ilumine.

Assim seja!

e nossa Pátria?

Maçonaria e Magia

José Carlos de Araújo Almeida Filho

Aleister Crowley e sua influência negativa no pensamento moderno

SUMÁRIO: Este trabalho é apresentado em duas partes, sendo a primeira com o sub-título “Aleister Crowley e sua influência negativa no pensamento moderno”, por ter ele participado da Maçonaria e, ao depois, sido iniciado em uma Ordem marginal com a mesma denominação, ou seja, Maçonaria.



Torna-se importante este destaque antes de analisarmos o conteúdo do trabalho, porque o mesmo irá relatar dados da vida de Crowley, bem como de W. W. Westcott – fundador da Ordem Hermética Golden Dawn e ex-secretário da Research Lodge Quatuor Coronati of London.

Ainda nos dias de hoje, como não cansamos de afirmar, há quem acredite que a Maçonaria é uma Instituição religiosa, ou sectária, ou política. Há quem pense que a Maçonaria é apenas um grêmio recreativo, sem maior importância para a sociedade ou para a cultura ocidental moderna¹.

No entanto, o que nos causa maior espanto é quando estamos diante de afirmações de que Maçonaria e Magia são assemelhadas, ou seus ritos são os mesmos. Com estas características, os antimaçons afirmam que a Maçonaria, em seus rituais, aplica magia negra.

Dentre as lendas mais horrendas sobre a Maçonaria há as do:

- bode preto;
- G.: A.: D.: U.: (Grande Arquiteto do Universo) é Lúcifer;
- o Maçom não pode abandonar a Ordem senão ele morre;
- na casa de cada Maçom há um quarto todo negro, para rituais²;
- dentre inúmeras outras crendices fantasiosas e absurdas.

Assim sendo, daremos início a este trabalho analisando o que venha a ser “magia”.

Para Aleister Crowley, cuja biografia analisaremos, “magia é um conjunto de técnicas quase científicas³ produzindo nos que a praticam efeitos conhecidos e similares. Num primeiro tempo, descoberta da divindade em si (encontro com o seu Anjo da Guarda) depois a desapareição das noções de ego e não-ego e a união/fusão com a divindade ou a iluminação mística”.

¹ Aconselhamos a leitura do trabalho do Ir.: Frederico Guilherme Costa – Trolha – A Maçonaria como meio alternativo de sociabilidade

² “A idéia remota que muita gente tem da Maçonaria, em que me incluo, que é totalmente absurda, é a idéia dos contos de nossa infância, em que se falava de locais lúgubres, passagens secretas, sótãos escuros, senhores vestidos de negro, ritos satânicos à luz de velas ...” **Nuria Klein Marti** – A Vanguarda, Barcelona, 1976, excerto do livro Maçonaria x Satanismo, do Pe. Benimelli – Ed. A Trolha Ltda. – Londrina - 1995

³ Pela própria definição de Crowley, o “pai” da anticultura, a magia não é científica e, portanto, não se pode admitir ser ela racional. A Maçonaria, enquanto de aceitos, surgiu na Inglaterra em meio ao Iluminismo – a Idade da Razão – e, por esta razão, já se descartaria a possibilidade de qualquer semelhança entre a Maçonaria e a magia. Por outro lado, não se discute que Crowley tenha sido iniciado na Maçonaria, levado por ocultistas de fins do século XIX e início do século XX. No entanto, como analisaremos com maior acuidade neste trabalho, a “maçonaria” de Crowley é bem diferente da Ordem Maçônica medieval. Crowley, utilizando o mesmo nome, valeu-se de uma “maçonaria paralela”.

A Internet, atualmente, é uma inesgotável fonte de pesquisa e de estudo. No entanto, é, também, um grande palco de sandices.

No site <http://orbita.starmedia.com/~diabo-666/666/index.htm>⁴, denominado “Casa do Demônio”, onde se apresenta a figura de Baphomet – aquele mesmo que afirmam ser o “deus” dos Maçons -, extraímos a seguinte frase:

“ No Satanismo é muito importante o estudo de Anton LaVey e Aleister Crowley. ”

E, neste ponto, apresenta-se o primeiro enfrentamento de nosso trabalho, tecendo comentários acerca desta controvertida e inusitada criatura denominada Aleister Crowley.

Para os satanistas⁵ do grupo “Aduas”, cujo “site” na Internet é <http://www.geocities.com/adluas/>, uma das “bíblia” da religião em questão é “O Livro da Lei”, de Aleister Crowley.



E não há, hodiernamente, como separar o satanismo de Aleister Crowley, merecendo, aqui, um resumo de sua biografia.

Nasce aos 12 de outubro de 1875, em Leamington Spa, pequena cidade do termal de Warwickshire – Europa, filho do casal Emily Bertha Bishop e Edward Crowley, **Edward Alexander** (Aleister Crowley).

Doze anos após seu nascimento, falece seu pai, vítima de um cancro na língua, não operado por questões religiosas. Com a morte de seu pai, Crowley parte para a Inglaterra, juntamente com sua mãe, por certo que sua educação será tutorada por Tom Bond Bishop – personagem importante no movimento protestante fundamentalista inglês.

Sem sombra de dúvidas, a infância de Crowley não foi nada fácil, posto que confinado em um colégio darbista, de educação rígida, passa por diversos males físicos, com o que, retirado do colégio, é entregue a um preceptor.

do “site” em questão: “Quando nos apresentamos satanistas, muitas pessoas fazem cara feia, já criam várias imagens na cabeça, como sacrifício de animais, adoração a demônios, beber sangue, e coisas do tipo. Esse tipo de pensamento, essas idéias, surgiram a muito tempo atrás.

A igreja Católica inventou essas histórias para as pessoas ficarem com medo. E essa crença errada sobre satanismo existe até hoje.

Satanismo é uma religião com total liberdade. Quando digo liberdade, não estou dizendo que os satanistas podem fazer o que querem, como destruir tudo, sair pelado na rua, roubar, matar quem quiser e etc.. Liberdade que digo é liberdade em relação a igreja Católica.

No satanismo, os Pecados não existem, não precisa ter medo de pecar, pois os pecados no satanismo são atos naturais do homem. Luxúria, todos os animais que se reproduzem estão praticando a Luxúria. Quando alguém te insulta, ou te fere, você não fica com raiva, ódio??? É óbvio que sim, sentimentos são naturais. E não pecados como a Igreja Católica impõe aos seus seguidores. Amor e Ódio são dois grandes sentimentos naturais do homem, e temos que dar muito valor a eles. Satanismo não tem nada a ver com adoração de demônios. Então porque o nome Satanismo??????

Satan significa adversário. Satanismo é a religião adversária a todas as outras que tentam dominar as pessoas, impondo pecados e tendo que obedecer as vontades de seus Deuses.

Não temos nada contra sua religião. Respeitamos você, Você escolhe seu caminho e o que você acha melhor para você mesmo.

Não estou tentando te converter com este site, estou apenas mostrando minha religião aos interessados.

No Satanismo é muito importante o estudo de Anton LaVey e Aleister Crowley.

Para se ingressar no Satanismo, a pessoa tem que “esquecer” tudo o que já ouviu dizer sobre satanismo, tudo que a igreja fala, e o que a sociedade prega. Tem que abrir a mente e estudar sério. Não comprando livros em livrarias de magia negra e sair por aí se dizendo o Satanista. A pessoa tem que ter Estudo!!!!!!!!!!!!”

⁵ Na realidade, como nos ensina Nicola Aslam, em seu renomado Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbologia, Vol. IV, Ed. Maçônica A Trolha Ltda – Londrina – PR – 2000, “**SATÁ**: No Antigo Testamento, diz o DEB, a palavra satã (hebraico **satan**; o verbo **satan**, incomodar) significa adversário em geral, e mais em particular aquele que diante do tribunal desempenha o papel de acusador (ministério público), e pode ser aplicada a qualquer um que em determinada ocasião se opõe a outrem; até o anjo de Javé que impediu a passagem a Balaão e sua jumenta é chamado assim. (...) Em fins do século passado, na **belle époque** da anti-Maçonaria, viu-se na Maçonaria uma anti-religião, no seu Símbolo o Grande Arquiteto do Universo uma evocação a Lúcifer e nos nossos Templos uma sinagoga de Satã. ”

Nota do autor: Afirmar que o Grande Arquiteto do Universo é satã, ou Lúcifer, é, no mínimo, fugir a todas as noções de ridículo. É sabido que os franco-maçons operativos dedicavam-se à construção de Templos Cristãos e , durante anos a fio, a Maçonaria teve uma forte influência Cristã. Nicola Aslam apresenta a grande época dos ataques à Maçonaria, como ocorreu no século XIX. No entanto, nos dias de hoje, ainda mais com o advento da Internet, que não pode ser desprezada, os ataques à Maçonaria são os mais acirrados possíveis. Simplesmente ignorar o renascimento dos ataques anti-maçônicos, seria ignorar o ressurgimento dos movimentos nazistas e outros tantos preconceituosos.

Ele mesmo, em autobiografia, define sua infância como um inferno.

Archibald Douglas, tendo perdido sua fé, como nos afirma o biografista Christian Bouchet⁶, é exatamente a quem é entregue a educação de Crowley. Segundo o autor, Douglas:

“ Toma de amizade o seu aluno, mostra-se-lhe tal qual é, inicia-o, ao arrepio de sua família, no jogo, no álcool, no tabaco e nas mulheres. ”

Estes são os principais pontos da biografia de Crowley, no que diz respeito a sua infância, que determinará sua personalidade por toda a vida. Assim sendo, cumpre-nos fazer um pequeno relato, daqui por diante, de suas “andanças” mágicas.

O certo é que, como não se pode duvidar, a máxima de Crowley - **“fazer o que queres será a lei toda”** - é a mesma adotada pelos satanistas.

No decorrer deste trabalho analisaremos a vida de Crowley e sua influência na Maçonaria. Desta forma, acreditamos que, de uma vez por todas, temas como Maçonaria e Magia - Maçonaria e Satanismo, serão banidos dos comentários infundados.

Torna-se quase inviável analisar a “magia” sem adentrarmos na controvertida vida de Crowley, notadamente por sua participação na Maçonaria.

É certo que a Maçonaria, por sua característica essencialmente iniciática, atraiu - e ainda atrai - diversos ocultistas. Dentre eles podemos citar o Leadbeater, Westcott, Levi e tantos outros, que acabam por seguir pelo que preferimos denominar **maçonaria marginal**.

No entanto, todo o conceito de satanismo na Maçonaria deve-se ao mais famoso cínico do século XIX - Léo Taxil. Sobre Taxil muito já se disse, mas vale lembrar que ele tanto atacou a Igreja quanto a Maçonaria.

Dando seguimento, portanto, ao nosso raciocínio principal - MAÇONARIA E MAGIA -, podemos concluir que os “ocultistas” mais fanáticos que foram iniciados na Ordem Maçônica provocaram este conceito deturpado. Desde as primeiras falácias defendidas por Léo Taxil, de que a Maçonaria seria satanista, até o ingresso de ocultistas como Eliphaz Levi, Leadbeater, Crowley e outros, vivemos no constante ataque dos anti-maçons, sustentados, agora, pela facilidade da Internet.

Comparar a Maçonaria com magia é, no mínimo, aceitar o antimaçonismo. A respeito do antimaçonismo, Jérôme Rousse-Lacordaire, em sua obra Antimaçonismo⁷, ressalta, ainda que implicitamente, a necessidade de os maçons entenderem-se quanto a seus conceitos, afirmando que: “ a Maçonaria não é criticada somente do exterior. Efectivamente (sic), já evocávamos várias vezes o facto (sic) da Maçonaria ser contestada do interior, em nome de uma Maçonaria mais autêntica: cripto-católicos contra liberais; regulares contra irregulares; conservadores contra progressistas.”

E, neste ponto do trabalho, torna-se proveitoso e interessante desvendar alguns destes “tabus”. Nicola Aslam em sua obra “Landmarques e Outros Problemas Maçônicos”, faz uma distinção entre os Maçons autênticos e os Maçons esotéricos.

É certo, como afirmado alhures, que a Maçonaria admite em seu seio membros de todos os credos, raças e convicções. Neste ponto, o Rito Moderno⁸ é espetacular, posto ser o verdadeiro Rito da razão. E assim se afirma diante da seguinte frase:

“ Aqueles Mações (sic) pragmáticos que só dizem acreditar em fatos que possam ser comprovados pela metodologia científica, lembramos-lhes que ao serem perguntados se acreditavam em algum Ente Supremo responderam: - EM DEUS! ... Pode Deus ser comprovado cientificamente? Então, como juraram?! ... ”⁹

E é exatamente contra este antimaçonismo velado, dentro da própria Ordem, que Jérôme tece suas críticas.

⁶ BOUCHET, Christian. “Quem sou Eu? - Aleister Crowley” - Hugin Editores - Lisboa - Portugal - 2000

⁷ ROUSSE-LACORDAIRE, Jérôme - Antimaçonismo - Hugin Editores - 1999

⁸ José Castellani e Frederico Guilherme Costa, em sua obra Manual do Rito Moderno, Gazeta Maçônica, 1991, afirmam: “

⁹ DA COSTA, Orlando Soares, Coleção Maçonaria Adonhiramita, Livro I - Das Trevas à Luz - Editora Europa, 1999

Não se pode ter na Maçonaria uma Instituição dogmática e, por esta razão, a crença em Deus é algo que brota no âmago das pessoas, sem qualquer necessidade de explicação científica. Utilizar o presente argumento para encestar nossas Lojas com conceitos perigosos acerca de “cultos” é tão perigoso quanto admitirmos que Maçonaria e Magia possuem ligação.

Admite-se um Maçom “mago”, como um católico, protestante, judeu etc. O que não se pode admitir e, ultimamente, a Maçonaria vem traçando este caminho, é que confundam Maçonaria com religião, cultos etc. A magia, notadamente a de Crowley, é pagamista.

Seitas como a Wicca, onde há rituais pagãos e outras, onde há magia negra e adoração à deusa Lilith são constantes e não possuem o menor compasso com nossa Ordem. No entanto, há Iir.: e mesmo pprof.: que, inadvertidamente, se deliciam com livros de Crowley, Leadbeater e o próprio Winscott.

A leitura, calcada em pesquisa séria, é por demais importante, com o fim de eliminarmos estes pensamentos “sombrios” que circundam nossa Ordem. Não é o pensamento próprio da Maçonaria, mas de alguns Maçons inadvertidos e curiosos.

Todo o simbolismo dos três graus simbólicos pode ser extraído da Bíblia, no Antigo Testamento. Quando avançamos nos graus filosóficos¹⁰, podemos nos deparar, vez ou outra, em especial no Rito Brasileiro, notadamente teísta, menção a textos do Novo Testamento, fazendo alusão ao Mestre¹¹ Jesus.

Assim sendo, descarta-se, de imediato, um paganismo na Maçonaria e, mais ainda, o culto a qualquer das linhas de demônios conhecidas. O próprio Rito Moderno, nitidamente agnóstico, acompanha os três graus simbólicos, não podendo estar em desacordo com a lenda do 3º Grau e, por esta razão, afirmamos, com tranquilidade e sem qualquer sofisma, que Maçonaria e Magia, por mais que desejem autores despreparados afirmar, não têm nada em comum, a não ser as primeiras e últimas letras.

Interessante se faz, no entanto, comparar a gravura da seita denominada “OTO¹²”, da qual Crowley também fazia parte, com alguns símbolos Maçônicos.

Sem dúvida alguma, a semelhança de alguns símbolos de natureza esotérica pode confundir os leigos e alguns Maçons menos preparados na Arte Real.

Passemos à análise do símbolo da “seita” OTO.

A imagem ao lado é o “olho que a tudo vê”. Na Maçonaria, temos o delta luminoso, cuja figura apresenta-se abaixo:

Na Maçonaria utilizamos tão somente o delta radiante, ou luminoso, mas jamais acompanhado de qualquer outro símbolo, como o da “OTO”, que não conseguimos identificar.

A ave apontada para baixo é um símbolo com características místicas e esotéricas, muito utilizado em documentos da Ordem Rosa-cruz – AMORC -, não possuindo qualquer semelhança com os símbolos Maçônicos.

A representação simbólica e alegórica da ave é a inteligência. Ela permanece em estado de busca constante.

Há, ainda, um cálice, com uma cruz característica Templária. O cálice com a cruz pode representar a Ordem dos Cavaleiros do Templo, mas é mera suposição, pois não há indícios de que a Ordem Templária possa ter influenciado a OTO.



¹⁰ Aconselhamos a leitura dos livros – A DESCRISTIANIZAÇÃO DA MAÇONARIA – Xico Trolha – Ed. A Trolha Ltda. e A HISTÓRIA DO SUPREMO CONSELHO DO BRASIL PARA O REAA – José Castellani – Ed. A Trolha Ltda.

¹¹ Não leiam, aqui, Mestre, no sentido Maçônico!

¹² OTO = Ordo Templi Orientis

A utilização da simbologia é comum nas instituições iniciáticas. Através dos símbolos se pode passar determinados conhecimentos de forma mais acessível. O que ocorre, não raras as vezes, é a utilização de símbolos semelhantes, em Ordens diversas.

O maior exemplo de uso indevido – ou, ao menos, se a palavra não for bem esta, o uso desproporcional – de um símbolo é a cruz suástica¹³ - que, sabemos todos, é utilizada a milhares de anos. Nem por esta razão se dissocia o uso da suástica ao nazismo. E, devemos lembrar: a suástica é uma cruz.

Em estudos de metafísica se constatou ser mais fácil a assimilação de determinadas práticas quando se está diante de um objeto. E assim ocorre com os símbolos. A utilização dos símbolos, de forma alegórica, facilita a compreensão dos temas apresentados.

Assim, por exemplo, a trolha é um instrumento de trabalho dos pedreiros operativos que hoje serve para “alisar a argamassa e, com isto, resolver problemas entre Iir.: ”.

Ainda sobre os símbolos, é importante analisarmos a figura abaixo, para, ao depois, adentrarmos em certos cultos pagãos, com o fim de, uma vez por todas, deixar claro que Crowley foi de uma negatividade tamanha para a Ordem Maçônica Regular Universal.

Os símbolos acima são adotados pela seita WICCA¹⁴, que adora a bendita deusa, mãe do mundo.

Ao analisarmos a planta de um Templo Maçônico, notadamente a Câmara de Reflexão, poderemos apreciar diversos símbolos semelhantes. O que não se pode é afirmar que a Maçonaria copiou e/ou é originária da seita WICCA.



⚡O que é Wicca???¹⁵



¹³ Figura 17

¹⁴ a bendita deusa mãe do mundo.

¹⁵ <http://www.asacerdotisa.hpg.com.br/pagina1.html>



Na verdade, Wicca é o nome moderno da "antiga religião", conhecida como bruxaria.

A maior surpresa sobre a bruxaria, para a maioria das pessoas, é que "não somos adoradores do diabo", "nem instrumento do poder do mal."

Veneramos uma entidade feminina. Uma Deusa. Conhecida por vários nomes. Entre eles podemos citar: Ceridwen, Gaia, Astarte, Atenas, Brígida, Diana, Isis, Melusine, Afrodite e por muitos outros nomes divinos.

Veneramos também um Deus. O Grande Deus Cornífero, também conhecido por: Cernunnos, Attis, Pã, Daghdá, Fauno, Frei, Odin, Lupercus e por muitos outros nomes.

Ainda que se pudesse afirmar ter a Maçonaria qualquer ligação com feitiçaria e que os símbolos da WICCA sejam "maçônicos", ainda assim haveria uma grande disparidade entre Maçonaria e Magia. Notadamente aquela magia do bruxo negro Crowley.

Encerramos, aqui, a primeira parte de nosso trabalho que, no entanto, terá seguimento com outros elementos mais ligados à Ordem Maçônica.

∴ ∴ ∴

ADENDO DA PRIMEIRA PARTE¹⁶¹⁷



A Deusa é Mãe Universal. É a fonte da fertilidade, da infinita sabedoria e dos cuidados amorosos. Segundo a Wicca ela possui 3 aspectos: a Donzela, a Mãe e a Anciã, que simbolizam as luas crescente, cheia e minguante. Ela é a um só tempo o campo não arado, a plena colheita e a terra dormente, coberta de neve. Ela dá à luz abundância. Mas, uma vez que a vida é um presente Seu, ela a empresta com a promessa da morte. Esta não representa as trevas e o esquecimento, mas sim um repouso pela fadiga da existência física. É uma existência humana entre duas encarnações.

Uma vez que a Deusa é a natureza, toda a natureza, Ela é tanto a tentadora como a velha; o tornado e a chuva fresca de primavera, o berço e o túmulo.

Porém, apesar de Ela ser feita de ambas as naturezas, a Wicca a reverencia como a doadora da fertilidade do amor e da abundância, se bem que seu lado obscuro também é reconhecido. Nós a vemos na Lua, no silencioso e fluente oceano, e no primeiro verdejar da primavera. Ela é a incorporação da fertilidade e do amor.

A Deusa é conhecida como a rainha do paraíso, Mãe dos Deuses que criaram os Deuses, a Fonte Divina, Matriz Universal, a Grande Mãe e incontáveis outros títulos.

Muitos símbolos são utilizados na Wicca para honrá-la como o caldeirão, a taça, o machado, flores de cinco pétalas, o espelho, colares e conchas do mar, pérolas, prata, esmeralda... para citar uns poucos.

¹⁶ <http://www.asacerdotisa.hpg.com.br/osdeuses.html>

¹⁷ Qualquer semelhança com a Maçonaria é pura alucinação

Para governar a Terra, o Mar e a Lua, muitas e variadas são Suas criaturas. Algumas incluíram o coelho, o urso, a coruja, o gato, o cão, o morcego, o ganso, a vaca, o golfinho, o leão, o cavalo, a corruíra, o escorpião, a aranha e a abelha. Todos são sagrados à Deusa.

A Deusa já foi representada como uma caçadora correndo com seus cães de caça, uma deidade espiritual caminhando pelos céus com pó de estrelas saindo de seus pés, a eterna mãe com o peso da criança, a tecelã de nossas vidas e mortes, uma anciã caminhando sob o luar buscando os fracos e esquecidos, assim como muitos outros seres. Mas independentemente de como A vemos, Ela é onipresente, imutável e eterna. ”

OUTROS DEUSES WICCA¹⁸

"O Deus"

O Deus tem sido reverenciado há eras. Ele não é a deidade rígida, o todo poderoso do cristianismo ou do judaísmo, tampouco um simples consorte da Deusa, eles são iguais, unidos.

Vemos o Deus no sol, brilhando sobre nossas cabeças durante o dia, nascendo e pondo-se no ciclo infinito que governa nossas vidas. Sem o Sol, não poderíamos existir; portanto, ele tem sido cultuado como a fonte de toda a vida, o calor que rompe as sementes adormecidas, trazendo-as para a vida, e instiga o verdejar da terra após a fria neve do inverno.

O Deus é também gentil com os animais silvestres. Na forma do Deus Cornífero, Ele é por vezes representado com chifres em Sua cabeça. Em tempos antigos, acreditava-se que a caça era uma das atividades regidas pelo Deus, enquanto a domesticação dos animais era vista como voltada para a Deusa.

Os domínios do Deus incluíam as florestas intocadas pelas mãos humanas, os desertos escaldantes e as altas montanhas. As estrelas, por serem na verdade sóis distantes, são por vezes associadas a Seu domínio.



O Deus é a colheita plenamente madura, o vinho inebriante extraído das uvas, o grão dourado que balança num campo, as maçãs vicejantes que pendem de galhos verdejantes nas tardes de outono.

Em conjunto com a Deusa, também Ele celebra e rege o sexo. A Wicca não evita o sexo ou fala sobre ele por palavras sussurradas. É uma parte da natureza e assim é aceito. Por trazer prazer, desviar nossa consciência do mundo cotidiano e perpetuar nossa espécie, é considerado um ato sagrado.

Símbolos normalmente utilizados para representar ou cultuar o Deus incluem a espada, chifres, a lança, a vela, ouro, bronze, diamante, a foice, a flecha, o bastão mágico, o tridente, facas e outros. Criaturas a Ele sagradas incluem o touro, o cão, a cobra, o peixe, o gamo, o dragão, o lobo, o javali, a águia, o falcão, o tubarão, os lagartos e muito mais.

Desde sempre o Deus é o Pai Céu e a Deusa a Mãe Terra. O Deus é o céu, da chuva e do relâmpago, que desce sobre a Deusa e une-se a ela, espalhando as sementes sobre a terra, celebrando a fertilidade da Deusa.

∴ ∴ ∴

Fim da Primeira Parte

¹⁸ Mesma fonte acima



O Paganismo e sua Influência Direta nos Cultos Religiosos

José Carlos de Araújo Almeida Filho

O Homem, enquanto ser dotado de livre arbítrio e, portanto, sendo um livre pensador nato, se vale de diversos conceitos para que os mesmos sejam adaptados em determinados cultos e/ou rituais.

De longe imaginar que a Maçonaria regular possui qualquer ligação com a magia, como vimos até o presente momento. Por outro lado, como vimos em determinadas seitas e/ou cultos, há sempre a necessidade da crença em um deus. Mas um deus nominado.

A Maçonaria, ao contrário desta concepção, proclama a crença no G.: A.: D.: U.: - Grande Arquiteto do Universo – e este conceito jamais poderá estar ligado a qualquer menção satanista, pela própria definição vislumbrada acima.

Os solstícios, como sabemos, e bem nos relata Jean Mabire e Pierre Vial¹, são milenares, incluindo-se, aí, as festas de São João (Solstício de Verão nos países europeus²).

O fato, contudo, de a Igreja Católica se valer das festas de São João e São Pedro, que são, originariamente, festas pagãs escandinavas, não quer dizer que a Igreja seja pagã.

E, neste ponto, encontramos a beleza da vida e do livre pensar. Aprender o que há de bom, executar o que é melhor.

Contudo, jamais poderemos misturas as estações e, diante de semelhanças, afirmar que algo é aquilo que jamais foi.

Concluimos, portanto, afirmando que a Maçonaria não é mágica, apesar de ter aceitado em seu seio alguns magos que, felizmente, dela se afastaram, sem nos trazer qualquer sorte de prejuízo.

José Carlos de Araújo Almeida Filho

UMA VISÃO TRANSDISCIPLINAR DA MAÇONARIA

O artigo 1º, **caput**, da Constituição do Grande Oriente do Brasil nos leva a uma série de investigações pessoais, podendo afirmar, na mais moderna doutrina européia vigente, que o texto é transdisciplinar.

Antes de analisarmos o conceito de transdisciplinaridade e aplicarmos à Maçonaria, transcreveremos o art. 1º, para que possamos entender o alcance do tema em questão.

"A Maçonaria é uma Instituição essencialmente iniciática, filosófica, filantrópica, progressista e evolucionista. Proclama a prevalência do espírito sobre a matéria. Pugna pelo aperfeiçoamento moral, intelectual e social da humanidade, por meio do cumprimento inflexível do dever, da prática desinteressada da beneficência e da investigação constante da verdade. Seus fins supremos são: LIBERDADE - IGUALDADE - FRATERNIDADE.³"

Diante da assertiva de ser a Maçonaria **iniciática, filosófica, filantrópica, progressista e evolucionista** e, ainda, por proclamar a **prevalência do espírito sobre a matéria**, temos um elenco, não excludente, de natureza filosófica.

A transdisciplinaridade é um movimento nascido no Século XX, inicialmente por alguns pesquisadores, como Piaget, mas relegado ao esquecimento. Às portas do Século XXI se dá um novo grito de alerta ao tratamento global, ou se preferirem, holística do mundo.

¹ MABIRE, Jean e Pierre Vial – Os Solstícios – História e Actualidade – Ed. Hugin – Portugal – 1995

Jean Mabire é escritor especializado em histórias normandas; Pierre Vial é especialista em História Medieval e professor na Universidade de Lyon.

² “ Celebrar o Solstício de verão é, antes de tudo, o reatar de uma festa ancestral e várias vezes milenária.”

³ Art. 1º da Constituição do Grande Oriente do Brasil - Protocolada e registrada no 2º Cartório de Registro de Títulos e Documentos e Pessoas Jurídicas do Distrito Federal - 515 - 30/11/1990.

O historiador português Jorge de Matos, em sua obra **O Pensamento Maçônico de Fernando Pessoa**⁴, ao traçar o perfil psicológico maçônico de um profano tendente a ingressar na Ordem, excertando Antônio Telmo, traduz:

“ É essencial, em primeiro lugar, que o profano seja, de índole e mentalidade, um simbolista, isto é, um indivíduo para quem os símbolos são coisas, vidas, almas, e para quem paralela e conversamente, as coisas e os homens tenham, em certo modo, a vida irreal e analógica dos símbolos. Esta espécie de índole e mentalidade é rara, raríssima; entre os espíritos de formação católico-romana pode dizer-se que é inexistente. ”

Por símbolo, podemos extrair, com tranqüilidade, a definição da Enciclopédia Koogan-Houssais, 1999:

“SÍMBOLO s.m. Objeto físico a que se dá uma significação abstrata: *a balança é o símbolo da justiça.* / Figura ou imagem que representa alguma coisa: *a suástica é o símbolo do nazismo.* / Qualquer signo convencional figurativo. / *Fig.* Sinal, divisa, emblema, marca, indicio. / *Lógica e Matemática* Signo figurativo de uma grandeza, de um número, de um ser lógico ou matemático. / *Química* Letra ou grupo de letras adotadas para designar a massa atômica de um elemento: *"Pb" é o símbolo do chumbo.* / *Religião* Sinal externo de um sacramento. / Resumo das verdades essenciais da religião cristã: *o Símbolo dos apóstolos (credo).* / *Numismática* Figura ou sinal representado nas medalhas ou moedas antigas. / *Psicologia* Idéia consciente que revela ou mascara outra, inconsciente. ”

E, mais a seguir:

“ SÍMBOLO s.m. Tudo aquilo que comunica um fato ou uma idéia, ou que representa um objeto. — Alguns símbolos, como bandeiras e sinais de trânsito, são visuais. Outros, entre os quais a música e as palavras faladas, envolvem sons. Os símbolos figuram entre as invenções humanas mais antigas e fundamentais.

Quase tudo pode ser um símbolo. As letras do alfabeto, por exemplo, são símbolos dos mais importantes, pois constituem a base de quase todas as comunicações escritas. Os gestos e os sons produzidos pelos seres humanos também simbolizam idéias ou sentimentos. Um símbolo pode ser utilizado isoladamente, ou em combinação com outros símbolos.

Emprego dos Símbolos. Os indivíduos, as nações e as organizações valem-se de símbolos todos os dias. Os símbolos desempenham também um grande papel na vida religiosa. Povos de todas as partes do mundo convencionaram aceitar determinados símbolos como elementos de síntese para o registro e a recordação de informações. Cada ramo da ciência, por exemplo, tem o seu próprio sistema de símbolos. Um desses ramos, a astronomia, usa uma coleção de velhos símbolos para identificar o Sol, a Lua, os planetas e as estrelas. Em matemática, as letras gregas e mais outros símbolos formam uma linguagem resumida. Vários símbolos são utilizados em campos como o comércio, a engenharia, a medicina e os transportes. Desde a década de 1930 muitas nações resolveram trabalhar juntas para criar um sistema de sinais de tráfego que pudessem ser reconhecidos universalmente.

Todos os países têm símbolos nacionais oficiais e não oficiais. Uma bandeira, um hino nacional, ou mesmo uma personalidade nacional podem simbolizar uma nação.

A maior parte das religiões usa símbolos para representar suas crenças. A cruz simboliza não apenas a morte de Jesus Cristo, como também a crença cristã. A estrela de Davi representa os ensinamentos do judaísmo.

As forças armadas de uma nação usam símbolos para identificar seus vários ramos e a posição hierárquica dos indivíduos a seu serviço. Artistas plásticos e escritores usam, por vezes, cores, imagens ou palavras para exprimir simbolicamente suas idéias ou sentimentos.

Muitos rituais têm natureza simbólica. Tais atos simbólicos incluem coroações, inaugurações, saudações militares e sacramentos religiosos.

Símbolos com Diferentes Significados. Diferentes grupos sociais podem usar os mesmos símbolos, mas estes símbolos podem representar coisas diferentes. Em muitas sociedades, por exemplo, a cor vermelha simboliza guerra e violência. Todavia, essa cor pode apresentar outros significados. Na China, o vermelho representa o casamento. O vermelho simboliza a vida na religião xintoísta do Japão, mas, na França, representa as escolas de direito.

Um símbolo tem apenas o significado que os indivíduos lhe outorgam. Mesmo um símbolo poderoso pode perder seu significado, se a sociedade o desonra ou o ignora por um determinado período de tempo. Na

⁴ MATOS, Jorge de – O Pensamento Maçônico de Fernando Pessoa – Hugin Editores – Lisboa – Portugal - 1997

história antiga, muitos consideraram a cruz suástica como amuleto de boa sorte. Em 1920, porém, o Partido Nazista da Alemanha adotou-a como seu símbolo. A suástica passou, então, a representar a tentativa nazista de conquistar a Europa. Hoje em dia, é um dos mais odiados símbolos da história.”

Diante desta primeira análise filosófica acerca do simbolismo, derivada do pensamento maçônico de Fernando Pessoa, pensamento este, aliás, embutido no conceito de “Instituição essencialmente iniciática” e, por esta razão, por um princípio de hermenêutica, com características esotéricas, quando o termo expressa, segundo a Enciclopédia já mencionada, a **“qualificação dada, nas escolas dos antigos filósofos, à sua doutrina secreta. / Incompreensível às pessoas não iniciadas: *linguagem esotérica*”**.



Os símbolos das sociedades iniciáticas somente são acessíveis e, por sua vez, inteligíveis, aos iniciados. “O símbolo tradicional é vivo, operacional e perpetuamente eficaz. Os “símbolos” psicanalíticos, matemáticos, surrealistas, revolucionários, etc., operam unicamente de uma forma adaptada a uma determinada situação, e a sua vida tem a mesma duração que as teorias que lhe deram origem⁵”.

Assim, por exemplo, como excertado da Enciclopédia Koogan-Houusais, um símbolo pode ter mais de uma definição de acordo com o momento em que é usado, valendo lembrar a suástica.

A suástica, é denominada cruz *temporal*, formada por quatro esquadros dos oito raios da roda. A cruz, na realidade, significa “centro indefinido, o espaço físico contém as manifestações corporais dos seres existentes, incluindo os objetos inanimados.”

Diante desta análise, se tem a cruz como verdadeiro símbolo religioso e, desta forma, jamais poderia ser confundido com um movimento fascista, como o caso do nazismo. No entanto, o símbolo deve ser analisado de acordo com o momento em que foi concebido.

neste ponto, para alcançarmos o fim a que se destina este trabalho, encaramos a definição de transdisciplinaridade⁶:

“ A *transdisciplinaridade*, como prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.⁷ ”

E, sem medo de errar, podemos afirmar que a Maçonaria é uma escola inesgotável de ensinamento, acrescentando, neste momento, as palavras evolucionista e progressista.

A filosofia⁸, enquanto técnica especulativa e, portanto, sempre em mutação, não pode estar alheia aos movimentos modernos do pensamento humano. A filosofia, assim como a história, não é estática. Acoplamos, assim, aos conceitos elencados no artigo 1º da Constituição do Grande Oriente do Brasil, a sua segunda parte, que afirma deve a Maçonaria pugnar pelo aperfeiçoamento moral, intelectual e social da humanidade.

Diante dos termos analisados, assim como a própria essência da Maçonaria, ela é transdisciplinar em sua essência. A busca constante da verdade está, ao mesmo tempo, **“ entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina.”**

Interessante destacar o texto de Claude Saliceti⁹:

⁵ GATTEGNO, David – Símbolos – Hugin Editores – Lisboa – Portugal - 2000

⁶ Em adendo a este trabalho estamos inserindo a Carta de Transdisciplinaridade

⁷ NICOLESCU, Basarab – O Manifesto da Transdisciplinaridade - Hugin Editores – Lisboa – Portugal - 2000

⁸ **FILOSOFIA** s.f. Conjunto de concepções, práticas ou teóricas, acerca do ser, dos seres, do homem e de seu papel no universo. / Atitude reflexiva, crítica ou especulativa, de elaboração de tais concepções. / Conjunto de toda ciência, conhecimento ou saber racional. / Reflexão crítica sobre os fundamentos do conhecimento (valores cognitivos), da lógica, da ética e da estética (valores normativos). / Sistema de princípios que explicam ou sintetizam determinada ordem de conhecimentos: *filosofia da história*. / Sistema particular de diretrizes para a conduta: *adaptar sua filosofia às circunstâncias*. / Sistema de um filósofo: *a filosofia de Aristóteles*. / Conjunto de doutrinas de uma escola, época ou país: *a filosofia grega*. / Sabedoria de quem suporta com serenidade e firmeza os acidentes da vida: *receber um mau golpe com filosofia*. ©1999 Enciclopédia Koogan-Houaiss Digital

⁹ SALICETI, Claude – Humanisme, franc-maçonnerie et spiritualité – Politique d'aujourd'hui – Paris – França - 1997

“ Le projet humaniste et maçonnique à la fois individualiste et universaliste d’accomplissement personnel et d’accord de tous les humains sur des valeurs et des finalités éthiques communes ne peut, nous l’avons vu, faire sans danger l’impasse sur les notions de vérité et de sens, et sur la possibilité de les concilier avec celles de liberté et de raison. ”

Em seu texto, continua afirmando a dificuldade de associar e interagir as diversas facções do pensamento humano, o que ocorre, sistematicamente, na Ordem Maçônica, diante da liberdade de expressão. Concluímos, assim, com a trilogia de LIBERDADE – IGUALDADE – FRATERNIDADE.

A liberdade encerra um dos princípios da transdisciplinaridade, enquanto a mesma é individualista. A individualidade – distinção muito bem traçada pela transdisciplinaridade – é diversa do egoísmo, que não combina com os princípios máximos da Maçonaria. O egoísta é egocêntrico e, por esta razão, jamais conseguirá viver em uma sociedade onde se prega a igualdade, posto que, ainda que diferentes em pensamentos, todos são iguais em essência e esta é a razão máxima da FRATERNIDADE.

José Carlos de Araújo Almeida Filho
Or.: de Petrópolis - RJ

CARTA DE TRANSDISCIPLINARIDADE

(adotada no Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade, Convento de Arrábida, Portugal, 2-6 novembro 1994)

Preâmbulo

Considerando que a proliferação atual das disciplinas acadêmicas conduz a um crescimento exponencial do saber que torna impossível qualquer olhar global do ser humano;

Considerando que somente uma inteligência que se dá conta da dimensão planetária dos conflitos atuais poderá fazer frente à complexidade de nosso mundo e ao desafio contemporâneo de autodestruição material e espiritual de nossa espécie;

Considerando que a vida está fortemente ameaçada por uma tecnociência triunfante que obedece apenas à lógica assustadora da eficácia pela eficácia;

Considerando que a ruptura contemporânea entre um saber cada vez mais acumulativo e um ser interior cada vez mais empobrecido leva à ascensão de um novo obscurantismo, cujas conseqüências sobre o plano individual e social são incalculáveis;

Considerando que o crescimento do saber, sem precedentes na história, aumenta a desigualdade entre seus detentores e os que são desprovidos dele, engendrando assim desigualdades crescentes no seio dos povos e entre as nações do planeta;

Considerando simultaneamente que todos os desafios enunciados possuem sua contrapartida de esperança e que o crescimento extraordinário do saber pode conduzir a uma mutação comparável à evolução dos humanóides à espécie humana;

Considerando o que precede, os participantes do Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade (Convento de Arrábida, Portugal 2 - 7 de novembro de 1994) adotaram o presente Protocolo entendido como um conjunto de princípios fundamentais da comunidade de espíritos transdisciplinares, constituindo um contrato moral que todo signatário deste Protocolo faz consigo mesmo, sem qualquer pressão jurídica e institucional.

Artigo 1:

Qualquer tentativa de reduzir o ser humano a uma mera definição e de dissolvê-lo nas estruturas formais, sejam elas quais forem, é incompatível com a visão transdisciplinar.

Artigo 2:

O reconhecimento da existência de diferentes níveis de realidade, regidos por lógicas diferentes é inerente à atitude transdisciplinar. Qualquer tentativa de reduzir a realidade a um único nível regido por uma única lógica não se situa no campo da transdisciplinaridade.

Artigo 3:

A transdisciplinaridade é complementar à aproximação disciplinar: faz emergir da confrontação das disciplinas dados novos que as articulam entre si; oferece-nos uma nova visão da natureza e da realidade. A transdisciplinaridade não procura o domínio sobre as várias outras disciplinas, mas a abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa.

Artigo 4:

O ponto de sustentação da transdisciplinaridade reside na unificação semântica e operativa das acepções através e além das disciplinas. Ela pressupõe uma racionalidade aberta por um novo olhar, sobre a relatividade definição e das noções de "definição" e "objetividade". O formalismo excessivo, a rigidez das definições e o absolutismo da objetividade comportando a exclusão do sujeito levam ao empobrecimento.

Artigo 5:

A visão transdisciplinar está resolutamente aberta na medida em que ela ultrapassa o domínio das ciências exatas por seu diálogo e sua reconciliação não somente com as ciências humanas mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência espiritual.

Artigo 6:

Com a relação à interdisciplinaridade e à multidisciplinaridade, a transdisciplinaridade é multidimensional. Levando em conta as concepções do tempo e da história, a transdisciplinaridade não exclui a existência de um horizonte trans-histórico.

Artigo 7:

A transdisciplinaridade não constitui uma nova religião, uma nova filosofia, uma nova metafísica ou uma ciência das ciências.

Artigo 8:

A dignidade do ser humano é também de ordem cósmica e planetária. O surgimento do ser humano sobre a Terra é uma das etapas da história do Universo. O reconhecimento da Terra como pátria é um dos imperativos da transdisciplinaridade. Todo ser humano tem direito a uma nacionalidade, mas, a título de habitante da Terra, é ao mesmo tempo um ser transnacional. O reconhecimento pelo direito internacional de um pertencer duplo - a uma nação e à Terra - constitui uma das metas da pesquisa transdisciplinar.

Artigo 9:

A transdisciplinaridade conduz a uma atitude aberta com respeito aos mitos, às religiões e àqueles que os respeitam em um espírito transdisciplinar.

Artigo 10:

Não existe um lugar cultural privilegiado de onde se possam julgar as outras culturas. O movimento transdisciplinar é em si transcultural.

Artigo 11:

Uma educação autêntica não pode privilegiar a abstração no conhecimento. Deve ensinar a contextualizar, concretizar e globalizar. A educação transdisciplinar reavalia o papel da intuição, da imaginação, da sensibilidade e do corpo na transmissão dos conhecimentos.

Artigo 12:

A elaboração de uma economia transdisciplinar é fundada sobre o postulado de que a economia deve estar a serviço do ser humano e não o inverso.

Artigo 13:

A ética transdisciplinar recusa toda atitude que recusa o diálogo e a discussão, seja qual for sua origem - de ordem ideológica, científica, religiosa, econômica, política ou filosófica. O saber compartilhado deverá conduzir a uma compreensão compartilhada baseada no respeito absoluto das diferenças entre os seres, unidos pela vida comum sobre uma única e mesma Terra.

Artigo 14:

Rigor, abertura e tolerância são características fundamentais da atitude e da visão transdisciplinar. O rigor na argumentação, que leva em conta todos os dados, é a barreira às possíveis distorções. A abertura comporta a aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível. A tolerância é o reconhecimento do direito às idéias e verdades contrárias às nossas.

Artigo final:

A presente Carta Transdisciplinar foi adotada pelos participantes do Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, que visam apenas à autoridade de seu trabalho e de sua atividade.

Segundo os processos a serem definidos de acordo com os espíritos transdisciplinares de todos os países, o Protocolo permanecerá aberto à assinatura de todo ser humano interessado em medidas progressistas de ordem nacional, internacional para aplicação de seus artigos na vida.

Convento de Arrábida, 6 de novembro de 1994

Comitê de Redação

Lima de Freitas, Edgar Morin e Basarab Nicolescu

Salmo 133



" Oh! Como é bom e agradável viverem unidos os Irmãos!

É como o óleo precioso sobre a cabeça, o qual desce para a barba, a barba de Aarão, e desce para as golas de suas vestes.

É como o orvalho de Hermon, que desce sobre os montes de Sião.

Ali Ordena o Senhor a Sua bênção,

E a vida para sempre. "

Que o Supremo Arquiteto do Universo nos Ilumine

Em Luz - Vida - Amor

Assim Seja!





As Crendices Populares¹⁰

O Papel da Antimaçonaria

Nós, Maçons, sofremos, sempre, com as crendices populares, o fanatismo de ataques e a falaciosa assertiva de que fazemos pacto com o demônio. A isto, nos associam ao bode preto. Sem dúvida, fruto da antimaçonaria.

Este tema, sem dúvida, é bastante interessante, pois aniquilará, de vez, com as maldades implacáveis com que nos atacam.

Começarei apresentando uma carta recebida do tio de minha esposa, Nildo de Freitas Góes, Barretos/SP, um Maçom em todos os sentidos do termo - bom pai, bom marido, bom profissional -, sem dúvida alguma, uma pessoa boa e querida por todos:

No dia da minha iniciação na Ordem, recebi uma bela carta, do Irmão Edson Modugno, hoje secretário da Loja Amor e Caridade, em Petrópolis:

Como se vê, nestas duas cartas a mim dirigidas, o trato Maçônico é muito diferente do que normalmente se costuma pensar. Ao invés de mantermos um pacto oculto com o demônio, praticar rituais de satanismo e outras crendices sem qualquer fundamento, há sempre um apoio e um carinho fraternais - não só entre os Maçons, como com qualquer pessoa.

Conheço, inclusive, o caso de uma esposa de Maçom que, sem conhecer a Ordem, tinha certa preocupação de seu marido nela entrar, até que pessoas fizeram por ela diversas coisas, sem qualquer interesse, desconhecendo serem elas Maçons.

Ao ser questionada sobre o ingresso de seu marido na Ordem, não hesitou em concordar, pois descobrira que aquelas pessoas eram Maçons.

Livro de Sabedoria (9.1.4.11-12.18)

A Sabedoria está junto de DEUS. A ele é que devemos pedir-la, para aprendermos a agir como ele, com amor e justiça.

- Salomão rezou a Deus dizendo: " Deus de meus pais e Senhor de misericórdia. Tu criaste tudo o que existe com a tua palavra. Com tua sabedoria firmaste o homem. De-me a sabedoria que está junta de ti, pois ela, que sabe tudo e compreende tudo, irá guiar-me sabiamente nos meus trabalhos e me protegerá. Deste modo atinhas ações te serão agradáveis. Tua sabedoria ensina os homens a respeito daquilo que é bom e agradável a ti. E é pela sabedoria que os homens que agem assim são salvos."

Livro de Eclesiástico (27,31-28.9)

Perdoa a injustiça cometida por teu próximo; quando orares, teus pecados serão perdoados.

- O raucor e a raiva são coisas detestáveis; até o pecador procura dominá-las. Quem se vangloriar encarárá a vingança do Senhor, que poderá avernar costas dos seus pecados.

Perdoa a injustiça cometida por teu próximo; assim, quando orares, teus pecados serão perdoados. Se alguém guarda raiva contra o outro, como poderá pedir a Deus a cura? Se não tem conhecimento do seu sustento, como poderá pedir perdão dos seus pecados? Se ele, que é um mortal, guarda raucor, quem é que vai alcançar perdão para os seus pecados?

Lembra-te do teu fim e deixa de odiar; pensa na tua destruição e na morte, e persevera nos mandamentos. Pensa nos mandamentos, e não guardes raucor ao teu próximo. Pensa na aliança do Altíssimo, e não leves em conta a falta a tua!

Livro dos Reis (3,5,7-12)

Dá a teu servo um coração compreensivo, capaz de governar!

- Nispeças dias, em Gaboon o Senhor apareceu a Salomão, em sonho, durante a noite, e lhe disse: "Pode o que desejas, e eu te darei".

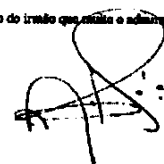
E Salomão disse: "Senhor meu Deus, tu foste retirar o teu servo em lugar de Davi, meu pai. Mas eu não passo de um adolescente, que não sabe ainda como governar. Além disso, teu servo está no meio do teu povo eleito, povo tão numeroso que não se pode contar os cabelos.

Dá, pois, ao teu servo, um coração compreensivo, capaz de governar o teu povo e de dissociar entre o bem e o mal. Do contrário, quem poderá governar este teu povo tão numeroso?"

Esta oração de Salomão agradou ao Senhor. E Deus disse Salomão: " Já que pediste coisas boas e não pediste para ti longos anos de vida, nem riquezas, nem a morte de teus inimigos, mas sim a sabedoria para praticar a justiça, vou salutar o teu pedido; dou-te um coração sábio e inteligente, como nunca houve outro igual antes de ti, nem haverá depois de ti".

Além das palavras do Senhor, recebi o abraço fraternal do irmão que inicia e admira.

Festa do Peão, 29 de agosto de 1997.



1. Livro de Sabedoria (9.1.4.11-12.18)

Petrópolis outubro de 1996

Meu caro irmão José Carlos
Há algum tempo atrás encontrei com uma pessoa por quem tinha um grande respeito. Era um dos aqueles seres, que sempre tu no mínimo sempre tinha chaves...

Em presa tivemos algumas palavras. Falou com ele que gostava de conversas, com mais calma, em uma intimidade, e que gostava de conversar - e a partir daí ele sempre me chamava, até que ele partiu. Disse-me que gostaria que desistisse de... partiu! Passou o tempo não encontrei mais o "meu" José Carlos... final de contas, com quem sempre encontrei respeito das minhas palavras, ele como fiscal e em uma conversa...

Nada a conta, se acredito, por acaso. Um dos irmãos, encarregado de sua simulação, viu-se impossibilitado de fazer, dada a sua afagação, acabando-se que a fizesse em seu lugar. Amadeu.

Ali o momento que conversamos para primeira vez, não sabia, quem me era... de quem me era... filho. Fiquei surpreso...

Comunicação mesmo... lembrando o ocorrido na época em. Hoje foi sua iniciação. Vigi em me e a quem que gostava de me imitado em nossa Augusta Ordem. Para que não possa participar de sua iniciação. A Maçonaria é uma grande instituição!

Vá a parte de hoje a parte Dele! Hoje foi sua iniciação. Vigi em me e a quem que gostava de me imitado em nossa Augusta Ordem. Para que não possa participar de sua iniciação. A Maçonaria é uma grande instituição!

Vá a parte de hoje a parte Dele! Quando situações nos encontramos legamos-nos a mais sublimar os Reis. Hoje sinto-me realizado! pois a vontade que tinha de me ver com quem; esta vontade já sei quem é.

Deixa Feliz
meu triplicar e Antemas
Edson
ERAN MASPANUNES

¹⁰ Extraído este capítulo, integralmente, do livro A MAÇONARIA AO ALCANCE DE TODOS, com direitos reservados ao autor desta obra e doados à A.: R.: L.: S.: Fraternidade e Progresso, 3155 – Petrópolis - RJ

Assim trabalham os Maçons, ou seja, fazem o bem a qualquer preço, sem necessitar de reconhecimento, ou exigir aprovação do que fizeram. Os Maçons trabalham em silêncio, uma vez que o bem que nós fazemos não precisa ser revelado.

No entanto, somos alvos de ataques maliciosos, de antimaçons.

De tudo o que vimos até agora, já se pode concluir que a Maçonaria não possui qualquer mistério, a não ser a curiosidade e a maledicência de pessoas que não têm o menor compromisso com a verdade.

Ser Maçom, adotar a Maçonaria como entidade, deixar que ela faça parte de você, não é tarefa fácil. Não somos, também, fanáticos, irreligiosos ou ateus estúpidos.

A maior prova disso é que não criticamos qualquer religião, seita, raça ou pensamentos filosóficos. A Maçonaria é uma associação constituída por homens de bem, cujos valores morais são elevados.

Esta breve introdução se fez necessária, para analisarmos as crendices populares. Conjuntamente, veremos que ela faz parte de ataques antimaçônicos.

O leitor já observou que sempre fazemos uma pequena introdução, antes de entrarmos no assunto. É para que a leitura fique mais agradável e, com isso, se possa entender melhor o que desejamos apresentar ao público profano - ou leigo.

A primeira e, talvez, a mais forte crendice popular, deriva do **bode-preto**. Quem será esta figura sinistra e assustadora?

Na realidade, o bode é encarado no esoterismo de diversas maneiras: fonte do materialismo, a matéria sobre o espírito, a brutalidade, se analisarmos pelo lado negativo. No entanto, há corrente doutrinária que entende o bode como o elemento da natureza que está nos campos, de cabeça ereta e, por andar próximo das montanhas, seria o ser (que não voa) que estaria mais perto de Deus.

Há uma parábola antiga, de um homem que queria ver Deus, mas não conseguia e, então, perguntou a um sábio como faria. Deveria ele subir uma montanha? O sábio respondeu que não bastava subir a montanha, pois ainda assim ele não veria Deus, mas, sem dúvida alguma, estaria mais perto dele.

A mensagem é de grande importância. Não basta estar acima para se estar perto de Deus, ou para vê-lo. No caso, em uma figura metafórica, a subida ao topo de uma montanha significa o caminho para encontrar a Deus, ou seja, o homem deve passar pela vida no intuito de encontrar e ver Deus.

A montanha é como uma caminhada, uma jornada, onde o homem, ao chegar ao fim, pode ser até que não tenha visto Deus, mas, sem dúvida, estará mais perto dele.

Então, por que não olharmos para o bode como uma figura que se encontra no alto das montanhas, cabeça erguida e com força para dominar seus inimigos?

Os homens transformaram o bode em símbolo de bestialidade, por usar ele chifres e se parecer com o demônio. Assim, dizem que os Maçons são bodes pretos - talvez pelo uso do terno preto.

A vida é dual. Basta analisarmos o símbolo do Taoísmo: ☯

O que significa duas bolinhas, uma preta e uma branca, com mais duas bolinhas da mesma cor, dentro umas das outras?

A dualidade da vida - em tudo de bom, pode haver algo ruim, como em tudo de ruim, pode haver algo de bom. Assim, se observarmos o bode como a figura distinta, no pé das montanhas, de cabeça ereta e "**temo preto**", até poderíamos aceitar a confusão de nos chamarem de bode ou se admitir que haja um bode escondido na Maçonaria.

No entanto, isto não passa de uma crendice.

Mas, já que tocamos no ponto do bode, vamos analisar seu aspecto esotérico, sem que isto tenha qualquer relação com a Maçonaria. Repetimos: *não há qualquer relação com a Maçonaria*. Somente para se ter uma idéia, segue foto criada por um anti-maçom ferrenho, extraída do livro " *Is It True With They Say about Freemasonry?* ", de Art deHoyos e S. Brent Morris, Masonic Information Center, Silver Spring, Maryland, 1997:

O responsável pelas divulgações medonhas da Maçonaria foi um ex-maçom, Léo Taxil, que, antes de morrer, se arrependeu das barbáries que provocou. No entanto, já era tarde, pois ele havia germinado uma semente pavorosa, que os incultos preferiram acreditar.

A foto acima foi imputada à uma teoria de que Albert Pike, Grande Comendador do Conselho do grau 33, teria proferido sua doutrina intitulada " *Luciferian Doctrine* ". Não passou de mais uma idéia absurda de Taxil.

Seguem as fotos de Albert Pike e Léo Taxil.



Albert Pike



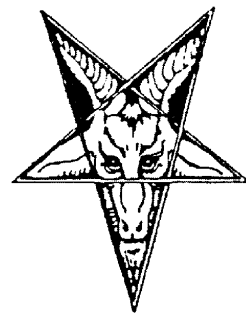
Léo Taxil



Sem dúvida, é mais fácil se acreditar no lado negativo do que no positivo. No entanto, até o presente momento, apresentamos suficientes argumentos de que as calúnias contra a Maçonaria não passam de falácias produzidas por mentes fracas, despreparadas e sem qualquer fundamento.

Viu-se, na foto acima à direita, um bode - meio homem -, às portas de um Templo Maçônico. Não passa, pois, de uma idéia absurda e fantasiosa de Taxil.

O bode, no esoterismo, possui diversas interpretações - fecundidade, materialidade, captação de cargas negativas, animal próprio para o sacrifício (mensagem em Levítico - Bíblia entre o capítulo 4 e o 23, há vinte e três versículos que mencionam o bode) e, vulgarmente, conhecido como a semelhança de satã.



Na foto ao lado, aparece o bode a quem atribuem a figura de satã (Baphomet):

Em determinadas aldeias, há um bode como símbolo de proteção, uma vez que a ele se atribui a capacidade de captar as cargas negativas, sendo certo que para estes aldeões, nem mesmo a Idade Média cristã teve o cunho de abandonar esta figura.

A figura de *Pã*, metade homem, metade bode, também contribui para as crendices sem fundamento. Aliás, a palavra pânico é derivada de *Pã*, pois conta o mito que ele era tão feio e assustador, que sua própria mãe teria fugido logo após o seu nascimento. Assim, *Pã* vivia nas florestas, assustando as pessoas.

O bode, vulgarmente, está sempre associado a coisas maléficas, mas é símbolo, também, de fertilidade.

Com relação ao *bode preto*, a quem insistem afirmar ser uma figura da Maçonaria, só podemos chegar a três conclusões: os Maçons procuram se aperfeiçoar enquanto homens, sendo certo que a crença em Deus é forte e sem ela não se pode ser Maçom. Assim, poderíamos adotar a primeira idéia, de que o bode vive no alto das montanhas e, simbolicamente, perto de Deus. A figura preta viria pelo terno que se usa.

A segunda conclusão, é que as pessoas ignorantes insistem em afirmar que a Maçonaria cultua satã e, na terceira, que no Templo Maçônico se praticariam sacrifícios.

Ocorre, porém, que ninguém ouve falar, abertamente, de seitas de adoração a satã.

A única conclusão certa é que **não** existe na Maçonaria esta figura folclórica. Não há qualquer **bode** ou **bode preto**. Quem assim afirma, é porque desconhece, totalmente, o espírito maçônico.

Devemos, mais uma vez, a Léo Taxil, as aberrações cometidas, inclusive no que diz respeito ao culto ao demônio e à adoração a um inexistente bode.

Aliás, se admitirmos que todos os seres vivos são filhos de Deus e que a natureza faz parte da obra Divina, não podemos conceber qualquer mal em animais, plantas e demais seres. Os homens, alguns o são, mas quanto aos animais, pela própria falta de discernimento, não há como se atribuir maldade.

O próprio São Francisco de Assis, padroeiro particular deste autor, amava a todos os animais, indistintamente. Como, então, ir contra a este maravilhoso vulto da História?

Admitirmos que os animais possuem bestialidade ou seriam encarnações satânicas, seria uma incoerência e estaríamos desprestigiando o próprio Francisco de Assis - figura bondosa e Santo, por excelência.

A natureza é bela e belos são seus frutos. O bode, pobre do bode, é fruto desta natureza e, a não ser por figuras metafóricas ou mitológicas, o animal não tem qualquer relação com anomalias e bestialidades.

Pensemos, por exemplo, como já tivemos oportunidade de escutar, que determinada planta deveria ser exterminada do jardim, porque dá "azar".

Ora, da mesma forma que os animais, as plantas são belas e são fruto da natureza. A natureza, por sua vez, é fruto do Grande Arquiteto do Universo. Como atribuir a animais e plantas qualquer malefício?

Analisemos, agora, uma outra situação:

- nossa mente é poderosa e nosso corpo expele cargas elétricas. Isto não é esoterismo, mas pura metafísica.

Pois bem, admitamos, então, que nossa mente é um rádio de pilha, um receptor, um canal aberto. Temos, do outro lado, o Cosmos, o Universo, a Bondade Divina, como transmissor. Se mantivermos nosso rádio nesta sintonia, aberto às vibrações positivas do Cosmos, captando toda a nossa energia para o bem, em tudo veremos o bem.

Ao contrário, se desprezarmos o Cosmos e nos mantivermos canalizados no mal, nosso rádio estará aberto a outras frequências indesejáveis.

Você gosta de **funk**? Não? Então não ligue seu rádio em uma estação que só toca este tipo de música. Assim funciona nosso poder mental. Se estivermos aptos ao bem, somente o bem receberemos.

Mas, se sintonizarmos o mal, como esperar o bem e ver nas coisas belas da vida a obra do Grande Arquiteto do Universo?

Concluindo esta passagem, do **bode preto**, podemos concluir que, como animal que é, ser vivente e fruto da natureza, é uma maledicência afirmar tratar-se de símbolo da besta.

Assim, observando o símbolo do Taoísmo - ☯ -, podemos concluir tudo o que foi mencionado anteriormente. Se sua mente estiver aberta ao bem - que é o que se espera de todo o Ser vivente na Terra, o mal não lhe atingirá e você não conseguirá encontrar no bode, nas plantas e na Maçonaria, qualquer malefício.

Sem dúvida alguma, a maior crendice popular origina do **bode preto**.

No entanto, somente para finalizar esta parte, quando, então, analisaremos outras formas de antimaçonismo, inclusive na parte destinada à Internet, devemos lembrar que há festas abertas na Maçonaria, para quem desejar adentrar no Templo.

Se você tiver algum conhecido Maçom, peça a ele para lhe informar sobre o fato. Tenho certeza que, depois desta leitura e de alguma festa em que você participar, seus conceitos sobre Maçonaria serão outros.

E, quem sabe, você não será um futuro Maçom, a lutar em prol de nossa Pátria?